

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**GEOVANE CARLOS BEZERRA PARENTE**

**O BRASIL E ALAGOAS NA II GUERRA MUNDIAL: UM RECORTE SINTÉTICO.**

**MACEIÓ**

**2022**

**GEOVANE CARLOS BEZERRA PARENTE**

**O BRASIL E ALAGOAS NA II GUERRA MUNDIAL: UM RECORTE SINTÉTICO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a coordenação do curso de história da UFAL como pré requisito para obtenção da graduação em licenciatura pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes sob a orientação do Professor: José Roberto Santos Lima.

**MACEIÓ**

**2022**

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P228b Parente, Geovane Carlos Bezerra.  
O Brasil e Alagoas na II Guerra Mundial : um recorte sintético / Geovane Carlos Bezerra Parente. – 2022.  
68 f. : il.

Orientador: José Roberto Santos Lima.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura)  
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,  
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 65-68.

1. Guerra Mundial, 1939-1945 - Brasil - Alagoas. 2. Brasil. Exército. Força Expedicionária Brasileira. I. Título.

CDU: 94(813.5).82/.083

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O Brasil e Alagoas na II Guerra Mundial : um recorte sintético” elaborado por Geovane Carlos Bezerra Parente e aprovado por todos os membros da Banca Examinadora com nota 9,0 cumprindo as exigências para obtenção do título de Licenciatura em História.

Banca Examinadora

Prof. José Roberto Santos Lima

Prof. José Roberto Gomes da Silva

Prof. Alberto Vivar Flores

17/02/2022

Maceió, Alagoas

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados durante todos os meus anos de estudos.

Aos meus pais e à minha esposa Laís Fernandes, que sempre me incentivaram nos momentos difíceis.

A minha filha Giovanna Parente, que no final do curso ela veio a nascer e me inspirou ainda mais para terminar minha graduação.

Ao amigo Diogo Fabiano, que, desde o ensino fundamental, esteve sempre ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo do curso.

Ao professor José Roberto (Robertinho) por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Ao professor de história Washigton da Escola Estadual Geraldo Melo dos Santos o qual foi o avaliador do meu estágio supervisionado.

E a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

## **RESUMO**

O presente trabalho apresenta uma reflexão pautada em uma pesquisa bibliográfica sobre Alagoas durante o período da ocorrência da Segunda Guerra Mundial. Para tanto, apresenta-se um pequeno painel do conflito, mas sem perder a perspectiva da história local. Também contempla-se uma exposição da situação do Brasil no período, com destaque para a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e a presença de tropas norte-americanas no Nordeste.

Palavras-chave: Guerra, Brasil, Alagoas.

## **ABSTRACT**

The presented text includes a reflection based on a bibliographical research about Alagoas during the period of the Second World War. In order to do so, it presents a small panel of the conflict, but without losing the perspective of local history. It also includes an exposition of the situation in Brazil in the period, highlighting the Brazilian Expeditionary Force (FEB) and the presence of US troops in the Northeast.

Keywords: War, Brazil, Alagoas.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. EUROPA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA II GUERRA MUNDIAL, SUA ECLOSÃO E OS DESDROBRAMENTOS DO CONFLITO .....	9
1.1 Antecedentes .....	11
1.2 Fascismo italiano .....	20
1.3 Nazismo alemão.....	22
1.4 A batalha do atlântico .....	29
1.5 A campanha da África e a globalização da guerra.....	31
2. BRASIL E ALAGOAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA.....	37
2.1 A Segunda Guerra Mundial em Alagoas .....	56
3. CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS .....	65

## IMAGENS

Figura 1- Foto rara de russos antes de 1917 .....	13
Figura 2 - Membros do Exército Russo carregam bandeiras com dizeres republicanos no dia 14 de outubro de 1917 .....	14
Figura 3 - Vladimir Lenin e os bolcheviques.....	15
Figura 4 - URSS: Territórios anexados pós II Guerra.....	17
Figura 5 - Revolução Húngara.....	19
Figura 6 – Soldados alemães ocupando Paris.....	25
Figura 7 - Vista externa da Linha Maginot mostra uma casamata tripla com armas de 75mm.....	27
Figura 8 - Trem e assinatura do armistício (Na pasta do General Foch está o original) em 11 de novembro de 1918 no vagão 2.419D.....	29
Figura 9 - Colônias na África em 1914.....	32
Figura 10 - Base de Pearl Harbor nos Estados Unidos sendo atacada pelos japoneses (1941).....	35
Figura 11 - Apesar da ordem contrária de Hitler, general Friedrich Paulus se entrega aos russos em 31 de janeiro de 1943.....	36
Figura 12 – Soldados alagoanos que participaram da II Guerra Mundial.....	57
Figura 13 – Rota para campanha da FEB.....	58
Figura 14 – Soldados alagoanos no Pontal do Coruripe.....	61

## INTRODUÇÃO

Na história apresentada na educação básica, aquela que é ministrada em rápidas aulas entre dois toques de uma sineta, temos a vida humana dividida em duas grandes partes: as guerras e os intervalos entre elas, que hipocritamente são chamados de paz. Nesse mundo fechado da sala de aula, emergem, sem uma razão realmente fundamentada, algumas guerras como mais importância do que outras. O principal destaque acaba ficando com a chamada “Segunda Guerra Mundial”. É muito comum entre alunos jovens ficar perguntando ao professor (que ainda está explicando, por exemplo, a Idade Moderna) quando e se chegarão até a guerra (aquela guerra!) e a respeito das atrocidades de Hadolf Hitler, como se todo o mais não fosse importante.

Também tem, sem dúvida, grande importância na formação dessa imagem a presença dos meios de comunicação, principalmente o cinema, que retratou das mais diversas formas o conflito iniciado em 1939. Deve ser por isso que, no mundo real em que pouco se estuda sobre a própria história, seja tão comum ouvirmos referências completamente sem fundamento sobre personagens e momentos da história local, enquanto que debates entusiasmados (mas igualmente sem fundamentação historiográfica) atraem a atenção de muitos quando o assunto é a Segunda Guerra Mundial.

Portanto, minha pesquisa não irá embarcar nessa verdadeira “canoa furada” da história escolar. O objetivo, neste trabalho, é ver como a Segunda Guerra Mundial atuou sobre o Estado de Alagoas. Contudo, não irá se perder a compreensão do todo, afinal, o conflito foi classificado como sendo mundial.

O trabalho se divide em quatro partes, a saber: a primeira contempla uma visão geral da guerra, ou seja, o contexto mundial, no qual iremos inserir o Brasil e, mais especificamente, Alagoas. Esse tópico divide-se em duas partes: os antecedentes e os momentos da luta em si. É importante destacar o que veio antes do conflito de modo a se evitar uma postura bastante comum fora do âmbito dos historiadores, ou seja, que a guerra foi resultado da loucura de meia dúzia de alucinados que conquistaram de formas diversas o poder nos seus respectivos países.

O mundo vivia no período antes da Segunda Guerra uma situação social e econômica que facilitou a emergência de líderes que ficaram associados ao confronto, tanto do lado do Eixo como dos Aliados. Daí a nossa preocupação em apresentar o fascismo e o nazismo nesse tópico.

Quanto aos combates, preferimos não nos apegar à narração dos vários momentos que podem ser muito bem conhecidos em obras tanto gerais sobre o conflito, como nas análises de momentos específicos (muito comuns em memórias dos participantes desses eventos).

Como o interesse, já manifestado anteriormente, é Alagoas no contexto da guerra, escolhi os dois momentos que realmente influenciaram a participação brasileira no conflito: a guerra submarina no Atlântico e a presença das tropas do Eixo na África (não nos esqueçamos que boa parte do continente africano estava sob domínio colonial francês, que se tornou aliado muito constrangido entre boa parte dos cidadãos franceses) dos invasores nazistas. Esses territórios se tornaram bases para a operação daqueles que queriam ser os novos senhores do mundo.

A seção que se ocupa do Brasil na Segunda Guerra está mais fundamentada nas contradições que o país apresentava naquele contexto mundial: um governo ditatorial claramente influenciado pelas ideias fascistas, assediado por parcelas do povo que não coadunava com aquela ideologia e as pressões externas, principalmente as norte-americanas.

Finalmente, temos a presença de Alagoas no contexto nacional e mundial da época. Sem dúvida, foi a parte mais complicada da pesquisa, uma vez que não existem tantas fontes de pesquisa bibliográfica (que foi a nossa opção metodológica para a elaboração do nosso texto), como as utilizadas para a confecção dos nossos primeiros tópicos.

Por fim, é sempre bom lembrar que todos os trabalhos de pesquisa historiográfica que têm um foco na realidade regional (ou local) são importantes para aproximar as novas gerações (ou seja, os que vivem na nossa atualidade) dos fatos que geraram o mundo de todos nós.

## **1. EUROPA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA II GUERRA MUNDIAL, SUA ECLOSÃO E OS DESDROBRAMENTOS DO CONFLITO**

Quando terminou a I Guerra mundial, a humanidade não seria mais a mesma em função do saldo negativo e assustador que ela imprimiria a todos nós, onde cerca de milhões de feridos e mais de 9 milhões de mortos entre civis e militares, sendo que 5 milhões deles dos países da entente, onde nunca a genialidade humana teria sido utilizada em larga escala para matar um ao outro, utilizando-se de aviões (Que Santos Dumont morreu questionando por isso), gases asfixiantes, entre outras armas mais mortais, além de “ter matado as ilusões” que a humanidade tinha a respeito do seu futuro.

Depois da I guerra mundial, grande parte dos países europeus – pelo fato da guerra ter sido dentro dos seus territórios – sofreu com uma grave crise econômica, social e política com a desorganização das produções agrícolas e industriais, várias regiões sofreram com o desabastecimento, preços elevados, especuladores e crescimento do desemprego, onde a crise estrutural do capitalismo em 1929 atinge a todos, criando um sentimento generalizado de descrença política nos princípios da democracia liberal como instrumento capaz de resolver os grandes problemas e desafios daquela época. Por outro lado, tinha a Revolução Russa de 1917, que entusiasmava diversos setores do operariado europeu e do restante do mundo. Todo esse clima favoreceu a crise econômica, instabilidade social e a difusão de doutrinas totalitárias e autoritárias que se apresentavam ilusoriamente como solução para a crise europeia que entre as principais características daqueles regimes totalitários se destacam:

- 1) - O militarismo: Apesar de defender-se que a paz perpetua entre as nações, além de ser um desejo impossível de se realizar em função das mágoas e humilhações decorrentes da I guerra mundial, dizia-se que não era útil ao progresso social. A vida passou a ser encarada como um combate contínuo, sendo a guerra desejada para liberar as energias humanas. Daí todas as nações deveriam estar preparadas para as guerras, desenvolvendo-se essa tendência militarista em detrimento da paz.
- 2) – Um nacionalismo extremado: Defendia-se a ideia de que as grandes nações deveriam prover uma afirmação exagerada dos seus próprios valores culturais, onde o orgulho nacional deveria ser elevado ao máximo, beirando muitas vezes ao fanatismo.
- 3) – Fortalecimento de Estado: quando se defendia a tese de que uma nação somente conseguiria desenvolver todas as suas potencialidades por meio de um estado forte, dirigido por um partido único capaz de controlar de forma absoluta diversos fatores

da vida social, meios de comunicação, órgãos de segurança, sindicato dos trabalhadores e os adversários do Estado que eram violentamente punidos ou até mortos.

Segundo um dos seus chamados “grandes líderes do facismo”, Benito Mussolini dizia que: “Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado”. O “Nada fora do Estado”, o indivíduo está subordinado às necessidades do Estado, e a medida que a civilização assume formas cada vez mais complexas, a liberdade do indivíduo restringe-se cada vez mais. Está claro que esses fundamentos do fascismo ou do nazismo são de regimes políticos de excessão, de extrema direita que é igual ou pior que a extrema esquerda, pois ambos não têm parâmetros de respeito às liberdades, tanto individuais, como coletivas, e, assim sendo, há supressão dos direitos de fala, do pensar e escrever e até do que se pode realizar, porque o Estado determina a tudo e a todos onde o homem ou a mulher são meros personagens “apreciadores” que não dispõem da vida ou vontades próprias, já o Estado autoritário quase absoluto tudo pode, e ao ser humano restaria apenas obdecer cegamente ou sob vigilância desse Estado despótico.

Todo esse clima de crise econômica e instabilidade social favoreceu o surgimento na Europa de doutrinas de extrema direita que afirmavam ter a fórmula ou o segredo para recuperar a ordem social e a prosperidade intensa, bem como deles o desejo de conter o “perigo vermelho” da expansão socialista, e essas novas doutrinas defediam a implantação de um regime totalitário como solução, alternativa para sair da crise europeia.

Os conflitos associados à Segunda Guerra Mundial se estenderam de julho de 1937 até setembro de 1945 em várias partes do planeta. Para melhor estudarmos o conflito, tem-se dividido o evento em dois Teatros de Operações (essa é uma linguagem militar): Ocidente e Oriente. Cada teatro teve duas fases muito distintas, dessa forma temos, em resumo, os conflitos organizados conforme o quadro abaixo:

<b>Teatro de Operações do Ocidente</b>	
Avanço do Eixo e recuo dos Aliados	1º.9.1939 a out/nov. de 1942
Recuo do Eixo e avanço dos Aliados	1942 a 8.5.1945
<b>Teatro de Operações do Oriente</b>	
Avanço japonês e recuo dos Aliados	7.7.1937 a maio de 1942
Recuo japonês e avanço dos Aliados	1942 a 2.9.1945

Quadro nº 1 – elaboração do autor

## 1.1 Antecedentes

O historiador Eric Hobsbawm, em sua obra “*Era dos extremos o breve século XX 1914-1991*” (1994), partilha a ideia de que houve apenas uma grande guerra, que iniciou-se em 1914, teve um período de suspensão de hostilidades abertas entre 1918 e 1939 e recomeçou com os combates até 1945. A tese é interessante, porém, não se sustenta quando destacamos os componentes político-ideológicos de cada um dos períodos.

O primeiro conflito mundial foi o resultado inevitável da expansão imperialista europeia da segunda metade do século XIX<sup>1</sup>. Como nos velhos filmes de banguê-banguê, o mundo ficara pequeno demais para os principais contendores. Só que, ao invés de um duelo ao pôr do sol, tivemos um conflito desmedido, que ceifou mais de vinte milhões de vidas em quatro anos.

O armistício assinado em 11 de novembro de 1918 pode ter surpreendido os povos que estavam mergulhados na ignorância provocada pela censura aos meios de comunicação (prática comum, e até aceitável, durante os períodos de guerra), mas era a mais sensata solução militar naquela oportunidade, principalmente para o exército alemão. A situação tornou-se cruel às populações dos países derrotados devido à volúpia insaciável dos vencedores, por ocasião dos chamados tratados de paz. A imposição de condições inaceitáveis levou ao aparecimento de grupos (que foram classificados como ultranacionalistas), que passaram a contestar a situação implantada em seus países após 1919.

A democracia (representada pelo liberalismo econômico e pela prática parlamentar) passou a ser apontada como a grande responsável pela situação dramática em que os povos atingidos pela guerra estavam vivendo após o fim dos combates. A solução pregada abertamente pelos citados grupos políticos era a implantação (se possível de maneira violenta) de governos ditatoriais, que resolveriam, sem discussões, os problemas criados na opinião dessas associações radicais, mais pelos tratados de paz, do que pela própria guerra.

Vemos, dessa forma, que a Segunda Guerra Mundial difere da Primeira pela alta carga ideológica e também pela tecnologia empregada para matar o outro ser humano de forma mais rápida e o seu poder de autodestruição, que movimentará os adversários dos novos campos de batalha. De um lado, teremos aqueles que defendem a democracia burguesa, do outro, aqueles que querem a sua destruição, defendendo um totalitarismo que se apresenta como o salvador da

---

<sup>1</sup> Se formos considerar como conflito mundial a extensão planetária dos combates, vemos que a denominada Primeira Guerra Mundial foi, na verdade, o quarto conflito global. O primeiro iniciou-se em 1701 e se estendeu até 1714 sob a denominação de *Guerra da Sucessão Espanhola*; o segundo corresponde à *Guerra dos Sete Anos* (1756-1763) e o terceiro engloba as lutas advindas da *Revolução Francesa* e do *Período Napoleônico* (1789-1812)

individualidade do cidadão, que o capitalismo liberal estava destruindo. Pode parecer paradoxal, mas foi o que ocorreu.

Também é importante destacar um fato novo no cenário pós-Primeira Guerra: o aparecimento do primeiro Estado que se apresentava como socialista: o antigo Império Russo transformava-se em 30 de dezembro de 1922 na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas após uma guerra civil (1918-1921), que provocou milhões de mortes entre os combatentes de ambos os lados.

Apesar de não ser o objetivo maior dessa nova discussão, vamos, mais adiante, precisar dessas informações no que se refere à história da própria II Guerra Mundial. Não podemos deixar para depois o que podemos discutir agora, pelo menos em linhas gerais o que foi a Revolução Russa (1917-1923) e que impacto ela teve sobre a história da II guerra mundial, aqui retratada de forma sintética conforme o que já teríamos escrito antes.

A história da Rússia pós a revolução Russa de 1917, fruto das ideias socialistas de Karl Marx e Friedrich Engels e outras teorias de socialismo, cujas condições de vida de agricultores e trabalhadores eram as piores possíveis, onde 80% da sua população rural vivia em casas de um só quarto, mal cheirosa, sem ventilação, que eram divididas com seres humanos, porcos, galinhas, cavalos, vacas e outros animais, uma produtividade de agrícola baixíssima e mais de 50% da riqueza da Rússia estava em mãos de empresas francesas, inglesas, alemães, belgas e norte-americanas, além disso, as aldeias geralmente não tinham escolas, nem serviços de saúde, e a maioria do povo era analfabeto e, mesmo nas grandes cidades, como Moscou, em 1838, o seu conselho municipal verificou que, das 16.478 casas existentes,

Grande parte da sua população vivia em péssimas habitações onde as escadas e que conduzem aos sótãos onde o povo reside estão cobertos de toda espécie de imundice, tábuas sujas por onde se estendem os colchões de palha tomados por porcarias, cheiro desagradável de mofo, paredes úmidas e cheias de mofo e outras sujeiras. (AQUINO, 1985, p.238)

Até o chamado “Domingo Sangrento”, quando um cortejo em Janeiro de 1905, em São Petersburgo (Cidade de Pedro o Grande), que levava uma humilde petição ao Czar, que foi recebido a tiros de fuzil, onde o autoritarismo, a miséria que vivia a maioria do povo russo, os privilégios da minoria e a dettora russa na guerra com o Japão.

**Figura 1- Foto rara de russos antes de 1917**



Fonte: R7 (2017)

A primeira fase da Revolução Russa é chamada de “burguesa” em função da entrada da Rússia na I Guerra Mundial, que acentou descontentamentos na sociedade e da precipitação do processo revolucionário em função do país (Rússia), em situação que se encontrava, não tinha condições nenhuma de participar de uma guerra com soldados famintos, mal treinados e mal armados, que foram submetidos a derrotas sucessivas, que, em 2 anos e meio, perdeu 4 milhões de homens, que deixaram de trabalhar nos campos ou nas cidades.

De 1915 a 1917, o Czar Nicolau II assume o exercito, deixando a Imperatriz Alexandra e o Monge Rasputin no comando do país que novamente vivia uma nova escassez de alimentos, que era tanta que provocou uma série de greves e movimentos de protesto em massa contra o governo nas ruas de Petersburgo pedindo “pão e o fim da guerra” e, além disso, os manifestantes pediam o fim da autocracia e criticavam todo o governo. Sem exército e a polícia a seu favor, o poder de Czar desapareceu, convocando-se, em parlamento (a Duma) constituído por deputados e uma outra convocação dos *soviets* (Conselho de soldados, operários e camponeses), de Petrogrado, a revolução se espalha por outras cidades onde foram organizados outros *soviets* para dirigi-lo, culminando com a abdicação do Czar.

A constituição de um governo provisório dirigido pelo Príncipe Lvov e dominado pela burguesia que resolveu dar continuidade de guerra contra a Alemanha, cujo Ministro de Guerra Alexander Kerensky achava melhor atacar primeiro o Império Austro-Húngaro do que continuar a guerra contra a Alemanha, entretanto, o Exército Russo estava cansado de tantas guerras e sem condição de continuá-las, havendo uma grande deserção de soldados, onde muitos dos quais não tinham “botinas” e lutavam descalços, além disso, uma inflação galopante tomava conta dos produtos e mercadorias na Rússia, e o governo era impotente para controlá-la.

O fracasso da ofensiva militar contra o Império Austro-Húngaro derrubou o governo de Lvov e a constituição de um novo governo da instabilidade política que já era grande, se aprofundou muito mais ainda onde três tendências político-ideológicas cresciam naquela época, que eram:

-Partido democrático constitucional: Que era o partido que representava os interesses da burguesia e da nobreza liberal, que defendia a continuação da guerra e o adiamento para depois dela de quaisquer modificações sociais e econômicas (Se é que fossem fazê-las? Talvez? Ninguém sabe quando?).

**Figura 2 - Membros do Exército Russo carregam bandeiras com dizeres republicanos no dia 14 de outubro de 1917.**



Fonte: Guia do Estudante (2017)

-Os Bolcheviques: Que defendiam o confisco das grandes propriedades, o controle operário das fábricas ou indústrias e, acima de tudo, a paz imediata com a Alemanha. Representavam os interesses de grande parte dos camponeses e trabalhadores.

-Os Mencheviques: Que, embora contrários à guerra, não admitiam a derrota vergonhosa da Rússia (a questão do “orgulho nacional”). Em outras questões, permaneciam divididos e indecisos em função de terem em seus quadros membros da classe média urbana e outros grupos de tendências ideológicas divergentes, e, com isso, foram perdendo espaço político dentro da Revolução Russa.

Foi instalado um governo provisório sob esperança de Alexander Kerensky, membro de um dos partidos socialistas mais moderado, de onde faziam parte desse governo membros de diversos partidos, entre eles o “Partido operário Social Democrata Russo”, dividido entre Mencheviques e bolcheviques.

Os Mancheviques acreditavam ou defediam a tese de que era necessário a Rússia passar pelo estágio de um desenvolvimento capitalista para, depois, transformar-se em socialista. E em posição a essa corrente de pensamento, estavam os bolcheviques, que defendiam a tese oposta de que se instalasse de imediato o socialismo e do fortalecimento dos sovietes e, entre os principais defensores dessa tese, estava Vladimir Ilyich Ulianov, conhecido como Lênin e Leon Trotsky, que eram totalmente contrários à formação de uma república parlamentar e defendiam o confisco dos latifúndios, nacionalização das terras, fábricas, bancos etc.

O partido Bolchevique foi posto na ilegalidade, e as suas principais lideranças, como Lênin e Trostsky e outros mais, perseguidos pelo governo provisório e, ao mesmo tempo, os *soviets* ligados às lideranças operárias ganhavam cada vez mais força dentro da revolução, adquirindo mais forças e apoiavam Lênin. Assim, em Outubro de 1917, foi organizado o Comitê Revolucionário com o intuito de derrubar o governo provisório da revolução Trotsky, que criou o exército vermelho formado por soldados desertores, operários e camponeses, que conseguiram dominar as forças militares do governo menchevique, tendo sido, posteriormente, criado o conselho de comissários do povo, onde o novo Governo Russo seria presidido por Lênin.

**Figura 3- Vladmir Lenin e os bolcheviques.**



Fonte: Politize (2019)

Após a revogação da Assembleia constituinte que deveria criar as bases de um governo multipartidário, onde o partido, agora governo belchevique, havia criado ou fundado a República Soviética Russa e, entre as primeiras medidas tomadas pelos belcheviques, estavam a reforma agrária em terras que pertenciam a aristocracia russa, tanto quanto a estatização das indústrias e dos bancos antes privados ou particulares, agora estatais. Entratanto, os belcheviques sofreram a resistência arruada dos mencheviques e dos czaristas, que pretendiam derrubar o governo socialista instaurando uma guerra civil que durou até 1921, que somente naquele ano que consolidou-se a história dos partidários de Lênin, que instituíram a “nova política econômica”, que estimulou o crescimento da pequena produção privada e o livre comércio para normalizar o abastecimento e desenvolver a economia. Era em si uma combinação de planejamento estatal socialista e com as práticas capitalistas de mercado, recorrendo a esses tipos de práticas com o objetivo de “acelerar a construção de uma economia socialista mais sólida”. Como defensores da internacionalização da Revolução Socialista, os bolcheviques criaram, em 1922, a União das Repúblicas Soviéticas (URSS)<sup>2</sup>, que muitos dos seus líderes conviviam com o desejo a maioria deles em expandir a revolução a um número cada vez maior de países possíveis, era, no entender deles, uma forma de se defender das economias capitalistas e de consolidar o ideário do socialismo.

Lênin morreu em 1924 e foi um grande desafio encontrar uma outra pessoa para substituí-lo, um grande desafio que rondou a cabeça de seus aliados e seguidores, onde um dos aspirantes ao papel de substituto de Lênin era Leon Trótski, que foi quem já vinha participando há tempos da “organização” da Revolução Russa, juntamente com Lênin, mas Trótski era extremamente culto e um orador com uma grande capacidade de convencimento tanto para uma plateia de intelectuais, quanto de operários ou camponeses, e foi ele um dos articuladores para a constituição do Exército Vermelho e da própria sobrevivência da Revolução Russa, que com a morte de Lênin, Trotski não conseguiu se firmar dentro do Partido Comunista, que preferiu “eleger” ou escolher Stalin (que hoje em dia ainda ele é considerado como um dos maiores ditadores da história da humanidade), que, quando assumiu o governo da Rússia Soviética, expulsou Trótski do país, tendo ele ido exilar-se no México, que, em 20 de agosto de 1940, foi assassinado por “moradores” por ordens expressas de Stalin, por ele fazer pesadas críticas à condição do governo daquele ditador (que não bastaram as ditaduras do Czares russos durante

---

<sup>2</sup> A união soviética fundada em Dezembro de 1922 foi cinstituída por países que formavam o antigo Império Russo durante a maior parte da sua existência era composta de 15 países: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Estônia, Cazaquistão, Geórgia, Letônia, Moldávia, Rússia, Quirquístão, Tadjiquístão, Turcomenistão, Ucrânia e Usbequistão. A união soviética foi extinta em 26 de dezembro de 1991.

a monarquia), que passou a perseguir e mandar matar seu próprio povo (sendo culpado ou inocente) após os seus delírios pessoais, cuja maioria das pessoas executadas eram inocentes camponeses, trabalhadores ou militantes do partido comunista ou de opositores do estado soviético, pelo simples fato de desconfiar de alguém.

Stalin foi um tirano responsável pela morte de milhares de comunistas honestos e inocentes e o qualifica como “guia genial” de déspota desvariado, pranoico, homicida, megalomaniaco, inimigo do povo e o acusa de desconfiança patológica e incompetência militar na II Guerra Mundial. Ele (Stalin) era um homem que mandava matar bons comunistas depois de monstruosas calúnias e falsificações. Perdera totalmente a consciência da realidade. Ordenava a mais cruel repressão contra quem quer que dele discordasse. (ESCOBAR, 1986, p.8)

Stalin foi o escolhido pelo Partido Comunista apoiado por parte do Exército e governou a União Soviética até 1953, não podemos esquecer que o Partido Operário Social-Democrata Russo foi transformado em Partido Comunista de União Soviética, que se tornou um partido político único, onde não era pertencido a existência de nenhum outro partido político, que deveria eles reprimir os inimigos do socialismo.

**Figura 4 - URSS: Terriótórios anexados pós II Guerra.**

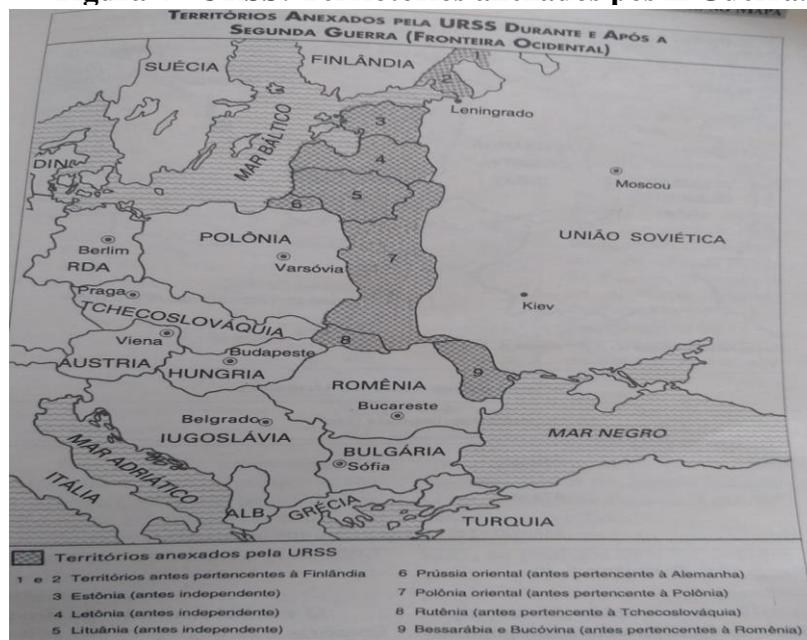


Figura 3 FONTE: OLIC (1993, p.29).

Stalin conseguiu fortalecer a socialização da economia russa, ao mesmo tempo que modernizou e incrementou a indústria tudo de maneira ditatorial, que, só depois de sua morte, várias outros governos que se sucederam na Rússia, cujo processo de abertura política só veio a acontecer nos anos de 1980, quando Mikahil Gorchov assumiu o governo e fez uma reforma

econômica e a reforma política, cujo objetivo maior era descentralizar a pesada máquina pública soviética e reestruturar a sua economia, que, para isso, então se consolidar foi necessário pôr um fim ao regime político de um partido único e obsouto na Rússia, permitindo a criação de vários outros partidos políticos, quando, também, em 1990, Boris Yeltsin, que, na época, defendia a necessidade da realização de uma grande abertura política e econômica, que algum tempo depois foi eleito pelo congresso do povo e soviete. Supremo da Rússia como Presidente da Rússia, que articulou o fim da União Soviética e o nascimento da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), que reunia a maioria dos países da antiga URSS, alguns se tornaram independentes do CEI, e outros foram por eles reanexados.

Durante o Império Russo, estavam sob seu domínio áreas da atual Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Ucrânia, Armênia e mais uma área de Tuva para China, que se tornaram independentes quando da Constituição da URSS, cuja redefinição do destino de povos do leste europeu ficou predeterminado pela imposição da URSS de impor-lhes o socialismo como único caminho ou destino histórico cauteados por um regime de partido único – o comunista- instalando a “ditadura do proletariado” e impondo esse regime político a toda a sociedade, quando isso teria ficado definido pela “Conferência de Yalta” (Fevereiro de 1995), quando discutiu-se e ficou definido os contornos da geopolítica dos países do leste europeu. A vida era controlada, dirigida e regulamentada pelo Partido Comunista de cada país que tinha o controle absoluto sobre tudo e todos, o que se produzia no campo e nas cidades, fábricas e também o controle sobre todas as organizações sociais e culturais, confundindo assim o partido com o Estado a ponto das principais lideranças deles serem ou responderem pelo Estado, onde a economia era centralizada e planificada, não havendo concorrência e a maior parte dos seus produzidos nem sempre eram de boa qualidade e tinham que enfrentar filas para consumi-los.

As chamadas crises do socialismo decorreram em grande parte da forma ou da maneira impositiva e em que medida isso implicava em abdicar do direito de discordar ou protestar da forma como esse regime político foi imposto a eles, onde durante mais de 40 anos os soviéticos impuseram o socialismo, que passou a ser questionado o modelo único, unilateral, “quadradão”, sem possibilidade de respirar-se ou oxigenarem-se ou reentarem um outro tipo ou modelo de socialismo que foi questionado durante a “Revolução Húngara de 1956”, ou na chamada “Primavera de Praga” na Tchecoslovaquia, em 1968, quando os tanques de guerra russos passaram “por cima do povo nas ruas de Praga, um verdadeiro massacre” ou nas “Crises da Polônia entre 1980/1981”, quando se constituiu o sindicato solidariedade, que passou a atuar na clandestinidade até a sua maior liderança sindical se tornar mais tarde Presidente da Polônia Lech Wałęsa.

**Figura 5- Revolução Húngara**

Fonte: Novaresistencia (2021)

Voltando à nossa temática da discussão a respeito da instalação de regimes ditatoriais ou de excessão na Europa pré-nazista ou pré-facista, é necessário tentar compreender o contexto da época observando esses dados para uma maior reflexão da questão. Por outro lado, não devemos nos prender a ideia de que apenas nos países derrotados militarmente é que vicejaram as propostas totalitárias. Os pronunciamentos militares ou políticos foram bastante disseminados espacialmente. Temos, assim, que a década de 1920 ficou marcada por uma sucessão de golpes que impôs, na Europa, regimes autoritários que se caracterizaram pela perseguição aos opositores, como podemos ver no quadro abaixo:

<b>Data</b>	<b>País</b>	<b>Líderança</b>
1922/outubro	Itália	Mussolini
1923/junho	Bulgária	Zankov
1923/setembro	Espanha	General Primo de Rivera
1923/outubro	Turquia	Kemal Ataturk
1925/janeiro	Albânia	Ahmed Zogu
1926/maio	Polônia	Pilsudski
1926/maio	Portugal	Generais Gomes da Costa e Carmona
1926/dezembro	Lituânia	Smetona-Voldemaras

1929/janeiro	Iugoslávia	Rei Alexandre
1930/fevereiro	Romênia	Rei Carol II
1932/julho	Portugal	Salazar
1932/dezembro	Lituânia	Regime de partido único
1933/janeiro	Alemanha	Hitler chanceler
1933/março	Áustria	Dollfus
1934/março	Estônia	Konstantin Pats
1934/maio	Letônia	Karlin Ulmanis
1936/julho	Espanha	Início da Guerra Civil
1936/agosto	Grécia	General Metaxas

Quadro nº 2 – elaboração do autor

A sucessão de golpes de Estado e as imposições de regimes autoritários é por demais enfática para ficarmos repetindo cada episódio. Apenas dois merecem o destaque, seja porque foram emblemáticos, seja porque vão ter maior importância no conflito bélico que iria iniciar-se em 1939: Itália e Alemanha.

## 1.2 Fascismo italiano

Os termos “fascismo” e “fascista” têm sido utilizados em vários momentos e em vários lugares de forma muito imprecisa de modo a caracterizar regimes totalitários. Essa atitude tem sido, e com muita razão, muitas vezes criticada. Inclui-se porque tornou-se, para muitos grupos políticos, uma forma de ofensa aos rivais, não importando se eles têm ou não as características do fascismo.

Tem havido muita discussão quanto às semelhanças que podem ser encontradas entre fascismo e outras espécies de totalitarismo moderno. Todas essas formas totalitárias na realidade são primordialmente de fundo ideológico. Todas as sociedades totalitárias são, por natureza, *ideológicas*, embora deva-se salientar que tais ideologias diferem entre si, sendo insubstituíveis e possuindo finalidades sociais específicas. (COTTER, 1987, p.464)

O fascismo e Benito Mussolini (1883-1945) confundem-se de tal maneira que é praticamente impossível estudá-los separadamente. Depois de ter tido uma agitada juventude como militante socialista ligado ao sindicalismo, passou para o campo oposto ao defender a participação da Itália na *Primeira Guerra Mundial* ao lado da *Tríplice Entente*<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Até o início das hostilidades em julho de 1914, a Itália participava da *Tríplice Aliança* com o II Império Alemão e o Império Austro-Húngaro.

A transmigração política de Mussolini da esquerda para a extrema direita, pode surpreender os mais incautos. Contudo, é preciso lembrar que a situação da Itália após o *Risorgimento* (1871) frustrou boa parte da população italiana que acreditou que a unificação nacional transformaria o novo Estado numa potência capaz de restaurar a glória passada da península. A sucessão de gabinetes ora liberais, ora conservadores não provocava a estabilidade política que a economia industrial exigia. A política italiana caracterizava-se, então, mais pelo confronto entre grupos do que pela construção de alternativas.

Além disso, não podemos esquecer o papel da Igreja Católica, que nunca admitiu o fim do seu poder temporal sobre boa parte da península. Cada púlpito era, portanto, um palanque onde se vociferava contra o novo Estado italiano<sup>4</sup>. Nesse caldo de cultura política, os extremismos tinham solo fértil para a sua proliferação.

O grupo político integrado por Mussolini também tinha propostas extremistas, e para implantá-las, organizou-se em células, os *fasci*, que atuavam como esquadrilhas terroristas, assustando os opositores (que variam conforme a situação da Itália, mas, de modo geral, visava principalmente os grupos de esquerda). Apesar da intensa militância (sempre associada à violência), o movimento fascista não provocava entusiasmo na população no imediato pós-guerra, o que redundou em desempenhos pífios nas eleições parlamentares.

A solução, portanto, não passava pelo processo eleitoral.

Em outubro de 1922, cerca de 50.000 milicianos fascistas (todos vestidos com camisas negras) ocuparam Roma. Frente à demonstração de poder, o primeiro-ministro renunciou e o rei Vítor Emanuel III convidou Benito Mussolini para organizar um gabinete de coalização nacional. Foi um período em que as disputas políticas arrefeceram-se, e a população passou a ver com bons olhos o novo governo, que finalmente apresentava os primeiros grandes resultados socioeconômicos positivos desde a unificação em 1871. Nas eleições de 1923, os fascistas conseguiram a maioria absoluta das cadeiras no Parlamento. Logo depois, deu-se o fechamento do regime com a eliminação de todos os demais partidos. Iniciava-se a ditadura fascista<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Em 11 de fevereiro de 1929 foi ratificado o *Tratado de Roma-Santa Sé* (mais conhecido como *Tratado de Latrão*) que punha fim à “Questão Romana”. Este tratado formalizou a existência do Estado do Vaticano, como Estado soberano, neutro e inviolável sob a autoridade do papa. O acordo garantiu, igualmente, um indenização pelas perdas territoriais da Igreja durante o processo de unificação italiana. O documento reconheceu o catolicismo como religião oficial da Itália e instituiu o ensino religioso obrigatório nas escolas, aboliu o divórcio e deu status civil ao casamento religioso.

<sup>5</sup> “Nenhum espírito despreconcebido poderá negar que o regime fascista na Itália tivesse a seu crédito algumas realizações notáveis. Em junho de 1940, quando o país entrou na guerra, o governo tinha reduzido o analfabetismo, conseguido o que parecia ser uma solução satisfatória da velha contenta com a Santa Sé e eliminado a *Máfia*,

### 1.3 Nazismo alemão

A situação na Alemanha no pós-Primeira Guerra não podia ser pior. Considerada culpada pela guerra, teve de entregar milhões de quilômetros quadrados de terras e suas respectivas riquezas. Ao mesmo tempo, milhões de soldados eram desmobilizados (muitos deles ostentando marcas da guerra em seus próprios corpos o que inviabilizava a sua reintegração na economia nacional) e voltavam para a sua pátria que nunca fora bombardeada durante o conflito, mas que agora, na paz, estava sendo dilapidada pelos vencedores. Tornaram-se presa fácil para os profetas do caos que acusavam os socialistas (membros do Partido Socialdemocrata) que haviam assinado os tratados de paz de serem os responsáveis pela derrota na guerra.

Entre 1871 e 1914 a Alemanha librara-se nas alturas do prestígio político e cultural. Até 1900, pelo menos, foi a principal potência do continente europeu. Suas universidades, sua ciência, sua filosofia e sua música eram conhecidas e admiradas no mundo inteiro. Atingira também fabulosa prosperidade, e em 1914 havia ultrapassado a Inglaterra e os Estados Unidos em vários setores de produção industrial. Veio então o golpe esmagador de 1918. O país despenhou-se do seu pináculo e ficou à mercê de inimigos poderosos. Isso era incompreensível para o povo alemão, que não podia acreditar que os seus invendíveis exércitos tivessem realmente fracassado no campo de batalha. Difundiu-se rapidamente a lenda de que a nação fora “apunhalada nas costas” pelos socialistas e judeus do governo. Pouca verdade havia, é claro, em tal acusação, mas ajudava a mitigar o orgulho ferido dos patriotas alemães. (BURNS, 1970, p.881)

Vemos, nessas palavras de um historiador conservador como foi o norte-americano Edward McNall Burns, que a Alemanha dos anos 1920 era um terreno fértil para receber as ideias totalitárias que faziam, como já afirmamos anteriormente, muito sucesso no mundo de então. Surfando na onda do revanchismo negativista, o pequeno Partido dos Trabalhadores Alemães (fundado em 1920) cresceu, tornando-se o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, que chegou, por uma manobra eleitoral, ao poder em janeiro de 1933. O grupo havia explorado habilmente o medo alemão dos bolcheviques, aumentado devido à crise econômica reimplantada no país pelo *crash* da Bolsa de Nova York de outubro de 1929.

A política econômica implantada pelo governo de Adolf Hitler foi um sucesso: utilizando a disponibilidade de recursos representada pelos milhões de desempregados e a pouca atenção das outras nações tanto da Europa quanto da América, rapidamente foram sendo eliminadas as marcas da destruição. Através de hábeis jogos de propaganda, o povo recuperava a

---

ou organização da Mão Negra, na Sicília. Conseguiu também certo número de melhoramentos na esfera econômica. Ensinando a agricultura científica aos camponeses, aumentara de cerca de 20% a produtividade do solo. Os subsídios e as tarifas protetoras haviam expandindo enormemente a produção industrial, em especial a de artigos como a seda, o *rayon* e os automóveis. Entre 1923 e 1933 a Itália duplicou os seus recursos de força hidrelétrica. Fizeram-se, ademais, grandes progressos na drenagem de pântanos, na construção de obras públicas e em salvar bancos e companhias os efeitos funestos da depressão. Mas o balanço teve também o seu passivo. (BURN, 1970, p.879)

autoestima e dava total apoio ao novo governo. Isso ocorria em paralelo à eliminação de todos os opositores que pudessem demonstrar que aquela sensação de progresso era, em verdade, um castelo construído nas nuvens.

O rearmamento alemão (cujo exército passou diretamente de 100.000 homens, permitidos pelos Tratado de Versalhes, para mais de 2.000.000 de recrutas) praticamente eliminou o desemprego e aumentou a produção industrial, tendo o governo como principal cliente. O passo seguinte era, com a desculpa de unificar em um único Estado todos os indivíduos de cultura alemã, a anexação de territórios, restaurando em boa parte a extensão que tivera o II Reich (1871-1918).

Às duas maiores potências colonialistas de então, o Império Britânico e a República Francesa, não interessava um conflito bélico de grandes proporções, afinal a depressão econômica provocada pelo *crash* havia abalado profundamente as suas economias e, por isso, viam com preocupação a consolidação do socialismo na URSS, que estimulava as reivindicações dos seus trabalhadores<sup>6</sup>. A política de apaziguamento das pretensões tanto nazistas quanto fascistas atendia, dessa maneira, os dois objetivos franco-britânicos: não prejudicar ainda mais a suas economias internas e lançar a extrema-direita sobre a esquerda, de modo que se não se destruíssem mutuamente, pelo menos que se enfraquecessem, deixando de representar um perigo.

Certamente, essa política franco-britânica foi interpretada, principalmente pelo governo de Hitler, como uma clara demonstração de fraqueza<sup>7</sup>. Por isso não se diminuiu o nível e a velocidade das exigências territoriais por parte do III Reich: a Polônia seria a próxima etapa da expansão hitleriana. Com a assinatura do *Pacto Molotov-Von Ribbentrop* (em 23 de agosto de 1939) entre a URSS e o III Reich, caiu por terra a esperança ocidental de lançar os nazistas contra os soviéticos: a guerra não podia mais ser evitada.

Os combates começaram na madrugada de 1º de setembro de 1939 quando as forças alemãs invadiram a Polônia. França e Reino Unido, fieis aos tratados assumidos com os poloneses, entraram na guerra.

Apenas para nos situarmos no assunto, os franceses e os ingleses contavam no início da II Guerra Mundial com as mais poderosas forças militares da Europa e estavam certos, convictos de que poderiam vencer os alemães, mas, após uma fulminante campanha militar alemã,

---

<sup>6</sup> A situação interna, principalmente política, das chamadas democracias ocidentais era diversa em cada país, mas de modo geral assemelhava-se em um ponto: os dramáticos resultados sociais (aumento do desemprego e, portanto, da miséria) da crise deflagrada pela Crise de 1929.

<sup>7</sup> Um momento marcante nessa política de apaziguamento foi a *Conferência de Munique* (29.9.1938) quando se decidiu pelo desmembramento da Tchecoslováquia.

foram eles todos derrotados, e a França teve então que aceitar os termos de paz impostos pela Alemanha numa verdadeira “humilhação nacional” aos franceses.

A ofensiva alemã contra a França estava planejada em termos estratégicos clássicos que poderiam levar a um conflito mais prolongado e tão inconclusivo quanto as suas operações militares na França Ocidental durante a I Guerra Mundial ou função da “linha maginot” (Uma linha de defesa militar na França Ocidental), que, de certa forma, impediu a derrota francesa na guerra de trincheiras, como foi na I Guerra, agora eram outros tempos e novas tecnologias militares muito mais rápidas e eficientes na “arte de matar” e fatais. Foi quando Eric Van Manstein apresentou um outro plano alternativo mais eficiente e convincente, que recebeu o apoio dos generais do Estado-maior alemão.

O problema era que os comandantes das tropas francesas e inglesas, em confronto com os alemães, não foram eles surpreendidos, quando, a 10 de maio de 1940, os exércitos de Hitler lançaram uma ofensiva contra a Holanda e a Bélgica, que já era prevista pelos aliados, mas, acima de tudo, eles estavam convencidos de que se defrontariam com uma mera repetição de plano Schlieffen – a grande ofensiva que os alemães iniciaram a I Guerra invadindo a Bélgica para do seu território atacar a França.

Assim, o propósito dos Alemães parecia muito claro e até previsível, segundo o alto comando aliado: partindo da Bélgica, eles pretendiam convergir nos portos do Canal da Mancha, cortando-lhe as comunicações entre os exércitos aliados, isolando a Inglaterra e partindo para uma confrontação decisiva com as forças francesas. Porém, naturalmente, as forças aliadas tinham tomado todas as providências para fazer frente a essa contingência, dispondo de 149 divisões militares mobilizadas, sendo 106 Francesas e 13 britânicas, que deveriam ser apoiados pelos belgas, e 10 divisões holandesas, onde os generais aliados contavam com uma vantagem numérica e estavam tranquilos.

Com o seu franco direto apoiado na linha maginot, tida como intransponível, estavam eles convencidos de que poderiam repetir qualquer tentativa de penetração em seu franco esquerdo via Bélgica, derrotar os invasores e passar a contra-ofensiva para infligir aos alemães uma derrota esmagadora e decisiva.

**Figura 6 - Soldados alemães ocupando Paris.**



Fonte "A França vai na armadilha alemã" (1980).

De fato, isso poderia ter ocorrido, mas acontece que os generais aliados raciocinaram como se ainda estivesse na I Guerra Mundial, uma guerra estática de posições, que caracterizam o conflito de 1914/18 e caía por terra a tese de que a linha maginot era inexpugnável e “quase” certos (é claro que isso não correspondia a total verdade dos fatos históricos) de que as vitórias alemãs sobre a Polônia e a Noruega só se deviam à debilidade militar daqueles dois países citados. Atrasados em suas concepções em pelo menos 21 anos – a um distanciamento entre a I e a II Guerra Mundial – esses generais estavam seguros de que, na frente ocidental, tudo seria muito diferente, como de fato foi, mas não como eles supunham.

O ataque alemão à Holanda e à Bélgica não seria mais que uma gigantesca manobra planejada pelo mais brilhante estrategista alemão Eric Von Manstein, que discordava do plano original dos alemães contra a França, que seria um ataque duplo à Bélgica e a Luxemburgo, e ele concluíra que o êxito desse plano estava associado a uma versão aperfeiçoada do plano Schlieffen<sup>8</sup>, que assegurou uma vitória quase meteórica decisiva sobre os aliados franco-britânicos, pois envolvia ataques frontais contra poderosos dispositivos preparados para a defesa. O ataque à Bélgica foi bem sucedido, e as forças aliadas reagrupadas no norte da França continuaram oferecendo resistências e o resultado era incerto numa guerra estática, de atrito tão desgastante, sangrento e imprevisível.

A alternativa proposta por Manstein era simples e audaciosa, onde o eixo da verdadeira ofensiva deveria ser deslocado da direita para a esquerda, centralizando na região das Ardenas,

---

<sup>8</sup> O Plano Schlieffen oferecia uma alternativa para que os alemães vencessem uma guerra na Europa. Para ele, os alemães deveriam investir em um pesado ataque contra a França, utilizando praticamente noventa por cento de suas tropas.

onde o terreno era considerado como intransportável por forças aliadas ou blindadas ou mecanizadas. Isso levaria aos alemães pegar os aliados franceses e britânicos de surpresa, envolvendo e destruindo rapidamente o grosso maior de exército francês e o ataque à Bélgica permitiria o lançamento de uma operação de duplo envolvimento, ocupando pontos vitais do Canal da Mancha, que também caíram nas mãos dos nazistas.

Inicialmente, o plano de Manstein foi rejeitado pelos membros do Estado-maior alemão. Entretanto, o comando da ofensiva crucial de ardenas que coube ao General Gerd Von Rundstedt o êxito na operação bélica, que expôs o plano a Hitler das vantagens em aderir o plano de Manstein que se encaixava dentro das concepções de guerra alemã da “Blitzkrieg” (Guerra relâmpago) e o desejo de vitórias rápidas e fumantes, impondo o relutante Estado-maior alemão os planos de Mastein.

Os alemães passaram à ação rápida e concreta, desfechando um ataque bélico geral contra a Holanda, Bélgica e França em 10 de maio de 1940, cujo “peso” maior do ataque concentrou-se na Holanda e na Bélgica numa frente ofensiva comandada pelo Fedo Van Bock, cujas forças armadas tiveram que render-se após o bombardeio aéreo de Rotterdam. Na Bélgica, os alemães desceram de para-quedas usando planadores sobre o forte Eben Emael, neutralizando as forças aliadas, e superadas todas as barreiras alidas, os alemães já haviam cruzado a Bélgica e deslocado as suas tropas para os francos esquerdo e direito da linha maginot tido, na época, como um dos mais importantes, complexos e modernos dispositivos de defesa do mundo. Esses deslocamentos vão se revelar fatais ao ser eles determinados pelo comandante supremo das forças aliadas Lord Gort, que estavam caindo numa grande armadilha cuidadosamente articulada pelos alemães.

Não se pode esquecer aqui todo o papel da força aérea alemã- a Luftwaffe- que foi decisiva no ataque a vários alvos aliados como atacou na Polônia, Noruega e também na França, onde foram destruídas, rapidamente, áreas agrícolas e industriais, estradas, catedrais e várias cidades europeias parcialmente ou grande parte delas.

A surpresa desagradável foi a completa desorganização que o alto comando aliado, que converteram a campanha numa repetição em escala gigantesca do que já teria acontecido na Polônia. Em 13 de maio de 1940, os alemães cruzaram o Meuse e realizaram uma rápida concentração em Sedan, antes que as forças francesas deslocadas do Franco belga pudessem fechar a brecha que o IX Exército francês não conseguiu fechar a citada brecha que Hans Guderian era especialista no emprego de forças blindadas alemãs, que usou aquele espaço aberto temporariamente.

As causas da derrota francesa e também da vitória alemã foram e já eram evidentes: colhido totalmente de surpresa, Gamelin não poderá recorrer aos poderosos contingentes que guarneciam a maginot e não tiveram a oportunidade sequer de combater; não havia outras reservas estratégicas disponíveis; a força aérea francesa foi praticamente varrida do espaço pela Luftwaffe nos primeiros dias da ofensiva e a indispensável coordenação geral de comandos simplesmente não existiu.

**Figura 7 - Vista externa da Linha Maginot mostra uma casamata tripla com armas de 75 mm.**



Fonte: Ihow (2020)

O aspecto moral também teve peso decisivo: enquanto os alemães estavam altamente motivados, avançando rapidamente, as forças militares francesas recuavam, desmoralizados pelas primeiras derrotas pela propaganda e a atitude dos simpatizantes fascistas e pela propaganda antibélica dos comunistas. Na retaguarda, a quinta-coluna e os colaboradores nazistas que operavam nos mais diversos níveis do militar ao administrativa, e a tudo isso se soava o pânico incontrolável da população civil, desorientada e apavorada, que congestionavam todas as vias de comunicação.

Apenas em alguns locais isolados e sob o comando de um punhado de oficiais superiores – entre os quais o Coronel Charles de Gaulle – em que os franceses ofereceram resistência efetiva, onde as suas posições eram isoladas e esses combatentes foram rapidamente franqueados, cercados e dizimados pelos alemães, que continuavam avançando pelo interior da França. Em 30 de maio de 1940, as frentes da resistência francesa em Bock, perto do Rio Sena, em Paris e Châlens, onde o antigo Primeiro-Ministro da França pedia ajuda a Churchill no sentido de um apoio aéreo da RAF (Força Aérea Real) dos grupos da resistência francesa.

Em 17 de Junho, o velho marechal francês Philippe Pétain, com 85 anos de idade, que emergia da I Guerra Mundial como um dos heróis militares da França, comunicou a Berlim que estava disposto a capitular, aceitando os termos de um armistício imposto pelos alemães, que fazia parte da humilhação nacional que os franceses estavam a assistir e a vivenciar agora, e a 22 de junho, Hitler anunciou que aceitava a capitulação – mais o cessar fogo somente se efetivaria três dias depois porque a Itália tinha declarado guerra a França em 10 de Junho quando o destino da campanha já estava praticamente selado.

O controle das três nações ocidentais agredidas e vencidas custaram aos alemães menos de 30 mil mortos, usando 136 divisões militares, que, por outro lado, os aliados perderam 90 mil mortos onde 200 mil feridos eram franceses, 68 mil ingleses, 23 mil belgas e 10 mil holandeses morreram em combate, além de um alto número de civis mortos das três nações (mortos e feridos que também foram elevados), enquanto o total de prisioneiros de guerra franceses ao fim da guerra era superior a 2 milhões de pessoas.

Hitler pode se dar ao luxo de impor aos franceses um armistício cujos termos eram duros, não chegavam a ser intoleráveis, cuja nova guerra estabelecida em Vichy, sob a chefia de Pétain, que continuaria a manter sua jurisdição sobre todas as possessões francesas, que disporia de um exército de 100 mil homens e da marinha também, que deveria ser desarmada sob supervisão da Alemanha e da Itália.

A homologação do armistício estabelecido pelos franceses – onde um grupo de especialistas foi enviado para Berlim para limpar e recondicionar o mesmo vagão ferroviário, onde os representantes da Alemanha tinham firmado os documentos da capitulação em 1920, perante os vencedores franceses, onde naquele vagão permancia num monumento com a seguinte inscrição: “Aqui, a 11 de novembro de 1918, sucumbiu o criminoso orgulho do Império Alemão, vencido pelos povos livres que tentaram escravizar”; onde Hitler planejará bem a cerimônia, ocupando a poltrona em que, há 22 anos antes, havia sentado o Marechal Ferdinand Foch, que havia, no passado, apresentado aos alemães os termos do armistício.

**Figura 8 - Trem e assinatura do armistício (Nas pasta do General Foch está o original) em 11 de novembro de 1918 no vagão 2.419D.**



Fonte: El País (2014)

Assim, tentamos traduzir a essencialidade da ocupação alemã sobre Paris e o processo de construção da resistência francesa, que teria papel importantíssimo na história da II Guerra Mundial.

Muitas foram as batalhas e as operações que combinaram o poder aéreo e terrestre dos participantes, contudo, o nosso objetivo, como já afirmamos anteriormente, não é uma pormenorizada descrição do conflito bélico. Destacaremos dois momentos pela sua importância para o nosso tema, ou seja a presença do Brasil no conflito: a *Batalha do Atlântico* e *Campanha na África*.

#### **1.4 A batalha do atlântico**

Após a rendição assinada pelo novo governo francês em 22 de junho de 1940, a Grã-Bretanha ficou na solitária posição de enfrentar o arrasador avanço militar alemão. O Império Britânico era poderoso e rico, mas a metrópole tinha na sua grande vantagem geográfica o seu “calcanhar de Aquiles”: por ser uma ilha, a sede do governo britânico não poderia ser invadida pelas tropas mecanizadas do III Reich, contudo, ela sozinha não poderia resistir aos invasores, precisava ser continuamente abastecida pelos seus domínios espalhados pelo globo.

Aí estava o ponto frágil: se as linhas de abastecimento (que na época só podiam ser marítimas) fossem bloqueadas, o Reino Unido teria que render-se ao atacante sediado no continente. Dois movimentos militares foram implementados simultaneamente: contínuos bombardeios aéreos contra alvos militares e econômicos (a chamada *Batalha da Grã-Bretanha*) e a

ação dos submarinos (*U-boot*) contra os navios que garantiam o esforço de guerra dos britânicos.

Mal tinha sido deflagrada a Segunda Guerra Mundial quando o transatlântico britânico *Athenia* foi posto a pique [no dia 3 de setembro], sem prévio aviso, por um torpedo lançado pelo submarino alemão *U30*<sup>9</sup>. A perda do navio, a bordo do qual havia muitas crianças, gerou uma onda de profunda indignação no país inteiro e fez com que o Almirantado instituisse um sistema de comboios, destinado a proteger os barcos e navios mercantes dos Aliados. (MACINTYRE, s.d., p.1905)

Os comboios<sup>10</sup> foram o mais eficiente sistema de defesa utilizado pelos Aliados para diminuir as baixas provocadas pelos ataques dos submarinos alemães (organizados nas chamadas *alcateias*), principalmente porque os navios militares de escolta passaram a ser equipados com radares, o que permitiu que muitos *U-boot* fossem afundados antes de poderem se posicionar para atacar os navios mercantes dos comboios. Mesmo assim, entre julho e outubro de 1940, os submarinos alemães afundaram 144 navios britânicos no Atlântico norte.

Outra ação de defesa dos comboios era a utilização da escolta aérea, muita mais eficiente que a própria escolta naval. Contudo, os aviões daquela época não tinham autonomia para atravessar o Atlântico entre os EUA e a Grã-Bretanha, o que fazia aparecer a chamada “Brecha Negra”, ponto no meio do oceano em que não havia a proteção aérea. Era nessa zona que ocorriam os principais ataques<sup>11</sup>.

A entrada dos Estados Unidos na guerra após o 7 de dezembro de 1941 (ataque japonês à base naval de Pearl Harbor) levou a guerra submarina ao litoral norte-americano. “O resultado foi uma verdadeira carnificina. Durante o mês de fevereiro, 65 navios foram afundados em águas americanas; em março, 86; em abril, o número baixou para 68 e, em maio, voltou a subir para 111” (MACINTYRE, s.d., p.2031). Somente em maio é que a Marinha americana admitiu utilizar também o sistema de comboio ao longo de suas costas, o que reduziu as perdas navais, mas não as eliminaram totalmente. Um sistema de vigilância antissubmarinos foi montado inclusive com a requisição do apoio popular para essa medida.

A situação começou a ser alterada a partir de maio de 1943, quando os comboios passaram a ser escoltados por porta-aviões (o que fez desaparecer a “brecha negra”): o número de

<sup>9</sup> O *Athenia* foi o primeiro navio do Reino Unido a ser afundado pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, e o incidente representou a maior perda de vidas de 117 passageiros civis e tripulantes. Os mortos incluíram 28 cidadãos americanos levando a Alemanha a temer que os EUA reagissem juntando-se à guerra ao lado do Reino Unido e da França. As autoridades alemãs de tempo de guerra negaram que um de seus submarinos tivesse afundado o navio, e uma admissão da responsabilidade alemã não veio até 1946.

<sup>10</sup> Essa estratégia já tinha sido utilizada pelos Aliados na Primeira Guerra Mundial.

<sup>11</sup> Os aviões patrulhavam os mares a partir do litoral norte-americano quando da partida do comboio, e a partir do litoral britânico quando da chegada. A denominada “brecha negra” aparecia no intervalo entre os dois pontos possíveis de apoio aéreo.

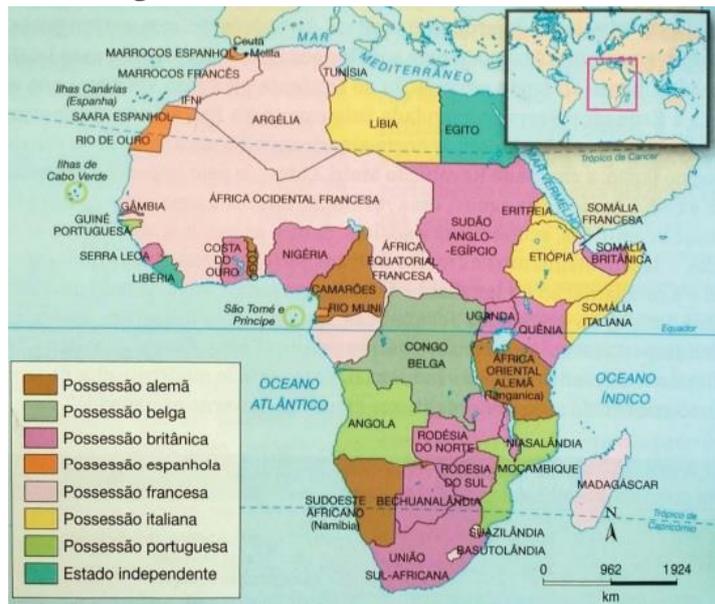
submarinos afundados cresceu a cada comboio enviado para a Europa. A alternativa encontrada pelo almirante Karl Dönitz, comandante alemão da força de submarinos, foi retirar os seus “lobos” do Atlântico norte e distribuí-los em outras áreas de modo a continuar prejudicando o esforço aliado. Um dos pontos escolhidos foi o Atlântico sul, responsável pelo abastecimento colonial da Grã-Bretanha e ligação entre a as Américas do Norte e do Sul.

### **1.5 A campanha da África e a globalização da guerra**

Na *Conferência de Berlim* (1880), a África foi partilhada entre as grandes potências europeias. A parte que coube à Itália foi ridícula quando comparada às grandes áreas ocupadas pela Inglaterra e França: foram uns poucos pontos na costa leste africana (na região conhecida como Chifre da África).

A partir desses pontos no litoral, os militares italianos tentaram aumentar o seu domínio pelo interior, mas foram constantemente abatidos pelas tropas somalis e etíopes em uma resistência inesperada por qualquer militar europeu: muitos analistas da época ressaltaram a incompetência dos soldados italianos em esmagar a resistência daqueles que eram denominados de “selvagens”, esquecendo que os ingleses, no mesmo período, também tinham problemas na mesma região. Contudo, não se pode negar que a situação gerou um sentimento de frustração que foi, em parte, contornado pela vitória italiana na *Guerra Turco-italiana* (1911/12), que permitiu a ocupação de parte do norte África (a Tripolitânia, a Fazânia e a Cirenaís), que ainda estava nas mãos dos otomanos e que viria a ser unificada como Líbia (contudo, a quase totalidade do território incorporado era um deserto onde ainda não se sabia que havia petróleo, gerador da posterior riqueza do país norte-africano).

**Figura 9 - Colônias na África em 1914.**



Fonte: Cesad (2015)

O nacionalismo chauvinista, desencadeado pelo fascismo, levou a novas aventuras colonialistas, que, dessa vez, foram bem sucedidas. Em 1927, as tropas italianas ocuparam o sul da Somália e, na década seguinte, a partir da Eritreia (um protetorado italiano na costa africana do Mar Vermelho), iniciou-se a violenta conquista da Etiópia (na época denominada Abissínia).

A pouco eficiente *Liga das Nações* (da qual a Etiópia era um dos três únicos países africanos membros) condenou o ataque, mas Mussolini ignorou as denúncias do *negus* Haile Selassie à comunidade internacional e ocupou colonialmente o país a partir de 1936, ampliando o então chamado Império Italiano.

A expansão continuou com o início das hostilidades europeias em 1939. No tratado de rendição assinado pela França de Vichy frente ao III Reich em 1940, havia uma cláusula que obrigava o país derrotado a entregar à Itália (aliada de Hitler) o território da Somália Francesa (hoje Djibouti), o que unificou toda a costa africana do Mar Vermelho sob a bandeira italiana.

Em 3 de agosto de 1940, o exército italiano (com 25 mil homens e 100 carros de combate) atacou a Somalilândia (enclave britânico no Chifre da África). Surpreendido, o comando inglês (o que não foi uma novidade naquele momento da guerra) apelou para as forças coloniais que, após deterem o avanço italiano, iniciaram um lento avanço sobre as posições fascistas em janeiro de 1941<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> O Exército italiano na Etiópia rendeu-se em 6 de abril de 1941.

Pouco se dá valor à luta das tropas inglesas (formadas pelos soldados africanos e por expedicionários indianos) na África Oriental, pois os olhos de todos sempre se voltaram para os combates travados na fronteira entre a Líbia italiana e o Egito britânico, pois o prêmio a ser conquistado pelo vencedor era mais expressivo: a posse do Canal de Suez.

Para auxiliar o seu aliado (que começou a ter problemas nas suas pretensões militares), Hitler enviou um reforço bélico à Líbia comandado pelo futuro Marechal-de-Campo Erwin Rommel: o *Afrika Korps*. A sempre lembrada genialidade tática do comandante alemão levou os ingleses a ficarem encurralados no Egito e com planos de abandonar a área. A reação inglesa só iniciou-se no segundo semestre de 1942 quando assumiu o comando do 8º Exército o Marechal Bernard Law Montgomery, que, alterando a maneira britânica de enfrentar o *Afrika Korps*, venceu a Batalha de El Alamein entre o final de outubro e o início de novembro de 1942<sup>13</sup>.

A entrada dos Estados Unidos na guerra levou à invasão das colônias francesas do Marrocos e da Argélia a partir de 8 de novembro de 1942. Posteriormente, as forças ianques avançaram para a Tunísia em consonância com o avanço britânico que vinha vitorioso dos combates na Líbia: em 23 de janeiro de 1943, as forças aliadas (principalmente os britânicos) entraram em Trípoli: era o fim do império colonial italiano. O avanço aliado continuou pela Tunísia, que fora também entregue à Itália pelo governo francês do Marechal Pétain. Com a rendição das forças ítalo-alemãs em Túnis a 12 de maio acabava a *Campanha da África*.

A vitória militar no norte da África abriu a possibilidade de outros governos coloniais franceses aderirem à França Livre comandada pelo general De Gaulle. O ponto mais importante desse domínio para os aliados era a cidade de Dacar no Senegal, pois ali temos o ponto mais estreito do Atlântico, tendo a costa potiguar como referência. Se tivermos em mente essa situação geográfica, entenderemos a importância do Brasil no contexto da guerra e a importância dele na questão geopolítica na história da II Guerra na que se refere a navegação e o espaço aéreo entre o Atlântico Norte e Sul, o acesso ao Oceano Índico pelo Atlântico sul e até mais adiante do oceano pacífico, que é um outro desdobramento da questão geopolítica e de estratégia militar e logística que não podem deixar de serem vistas ou revistas.

Apenas relembro que na chamada primeira fase da II Guerra Mundial (1939/1941) foi assinalada pela rápida ofensiva das forças nazistas, que, depois de dominar a Polônia, os alemães conquistaram a Noruega, a Bélgica, a Holanda e invadiram a França em 14 de junho de 1940 (conforme já havíamos escrito antes). No ano de 1941, ocorreram dois fatores decisivos que iriam redefinir os destinos da guerra: A) foram rompidos acordos anteriores, os exércitos

---

<sup>13</sup> Este é um dos momentos considerados de virada na Segunda Guerra Mundial.

alemães invadiram a União soviética em 22 de junho. B) os japoneses atacaram a base militar dos Estados Unidos da América do norte de Pearl Harbor no oceano pacífico em 8 de dezembro de 1941, levando os Estados Unidos a entrar diretamente no conflito mundial a favor dos aliados.

Em 1940, a Itália entrou na guerra lado da Alemanha constituindo-se então o “Eixo” Roma-Berlim, e, algum tempo depois, o Japão aliou-se a esse bloco se tornando o Eixo Roma-Berlim-Tóquio, onde os alemães já dominavam quase toda a França, tendo o governo francês abandonado Paris e se instalado no sul do país.

O exército inglês, que tinham desembarcado na França, foi derrotado pelos alemães e obrigado a voltar para Inglaterra numa completa desorganização e uma enorme perda de vidas humanas e materiais na chamada “Retirada de Dunquerque”. Em 1940, a Alemanha já dominava quase toda a Europa, e entre seus adversários, só a Inglaterra estava em condições de continuar a luta, e em agosto desse mesmo ano, Hitler começa os ataques em massa contra a Inglaterra, onde a aviação inglesa, com auxílio de radares, conseguiu resistir aos pesados ataques alemães, causando enormes perdas militares aos alemães e levando a Hitler a abandonar a ideia de invadir o território inglês, voltando-se agora para seu grande projeto de conquistar a União Soviética, que transformaria num império invencível – a dispor de todas as riquezas de solo e subsolo russo.

Porém, antes de atacar a União soviética, Hitler foi em auxílio de Benito Mussolini, que havia invadido a Grécia, mas não conseguia vencer os gregos, e aproveitaram essa oportunidade para também dominar os Iuguslavos, e, para a guerra contra os soviéticos, Hitler preparou uma poderosa força com cerca de 4 milhões de homens, 3.300 tanques e 5.000 aviões.

Dois grandes fatores colaboraram para que, em 1941, a guerra europeia se transformasse num conflito mundial: a invasão alemã à União Soviética e o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, no Havaí/EUA.

**Figura 10 - Base de Pearl Harbor nos Estados Unidos sendo atacada pelos japoneses. (1941)**



Fonte: Aventuras na história (2021)

Embora os Estados Unidos já viessem ajudando a Inglaterra através do fornecimento de munição, armas, navios e alimentos, foi a agressão japonesa que levou os nortes-americanos a entrarem na guerra.

Por outro lado, os japoneses, posteriormente ao ataque à base naval norte-americana, realizaram diversas conquistas na área do pacífico: Na China, Indonésia e Filipinas passando a ameaçar inclusive a Austrália, querendo tornar o oceano pacífico num oceano japonês.

Para Hitler, a conquista do leste europeu era vital para a construção da “Grande Alemanha” tão sonhada por ele. Além disso, a guerra contra a União Soviética representava uma luta contra o comunismo, uma idológia completamente oposta ao nazismo, e foi contra os soviéticos que o exército alemão recorreu ao uso intenso da barbaridade, onde Moscou e Leningrado (as cidades e seus povos deviam ser destruídos, pois desta forma não haveria necessidade de alimentá-los além da perseguição e matança de centenas ou milhares de judeus, mortos em campos de concentração na Polônia ou na Áustria).

Em contrapartida, as tropas alemãs na União Soviética, uma parte do exército marcou rumo ao norte para cercar Leningrado, um outro em direção ao centro para dominar Moscou e um terceiro rumo ao sul para apoderar-se dos campos de trigo da Ucrânia, que, atacados de surpresa em menos de um mês, os alemães já haviam penetrado em 750 km do território russo, chegando perto de Moscou quando Stalin fez um pronunciamento ao povo soviético conclamando-os à luta contra os alemães:

O inimigo é cruel e implacável. Pretende tomar nossas terras regadas com o suor de nossos rostos, tomar nosso cereal, nosso petróleo, obtidos com o trabalho de nossas

mãos. Pretende restaurar o domínio dos latifundiários, restaurar o czarismo... germanizar os povos da União Soviética e torná-los escravos de príncipes e barões alemães... (...) em caso de retirada forçada... todo o material rodante tem que ser evacuado. Ao inimigo não se deve deixar um único motor, um único vagão de trem, um único quilo de cereal ou galão de combustível. Todos os artigos de valor (...) que não puderem ser retirados, devem ser destruídos sem falta. (PEDRO, 1986, p.26)

De 1941 (de julho a setembro), os alemães não paravam de avançar sobre o território russo, estando Moscou cercada e Leningrado cercada, porém, os alemães não esperavam a férrea resistência do exército de Stalin, onde tanques e aviões mostraram-se muito eficientes na defesa, e os alemães nunca entraram na capital soviética.

Um fator que contribuiu enormemente para a derrota Nazista no ataque a Moscou: foi o rigorosíssimo inverno russo, quando dezenas de milhares de alemães sem uniformes apropriados sofreram queimaduras de frio, sem anticogelantes, e os canhões não disparavam, acabando com a superioridade bélica dos alemães.

Como Hitler viu que Moscou se mostrou inexpugnável, então ele decidiu conquistar o sul da Rússia soviética, e nessa região, a cidade de Stalingrado, que Stalin, quando soube dos planos de Hitler, emitiu a seguinte ordem: “Exijo que tomem as medidas para defender Stalingrado, não devendo-se render-se ao inimigo e a parte que dela foi capturada, deve ser libertada”.

Em 1942, três batalhas puderam inverter o curso da II Guerra Mundial: A batalha de Stalingrado, quando exército soviético derrotou o poderoso exército alemão, a batalha de El Alamein, no Egito, e a batalha de Midway, no pacífico.

Em 06 de junho de 1944, os aliados desembarcaram nas praias de Normandia, reunindo 2 milhões de homens, 6.400 navios e 5.000 aviões aliados, que entrou para a História com o “Dia D” (decisivo para os aliados).

**Figura 11 - Apesar da ordem contrária de Hitler, general Friedrich Paulus se entrega aos russos em 31 de janeiro de 1943.**



Fonte: DW (2018).

## 2. BRASIL E ALAGOAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA

A situação do Brasil frente aos contendores na Segunda Guerra Mundial era muito difícil, afinal de contas, o nosso governo ideologicamente se achava mais próximo do fascismo italiano do que dos regimes liberais que o Eixo combatia. Nós não éramos uma plena democracia desde o autogolpe de 10 de novembro de 1937 (imposição do *Estado Novo*), contudo, estávamos sob a influência direta dos Estados Unidos (que não viam com bons olhos a proximidade ideológica do governo brasileiro com a Alemanha nazista).

No plano externo o Brasil precisava desesperadamente ampliar suas exportações mas via o mundo dividir-se em dois sistemas comerciais mutuamente excludentes, um comandado pelos Estados Unidos e outro pela Alemanha. O conselho Federal do Comércio Exterior um dos importantes órgãos criado por Getúlio na área econômica fazia o possível para evitar um alinhamento completo por um dos lados o que parecia inconcebível. Mas o antagonismo entre as duas potências iam muito além da área comercial, a competição era também política e ideológica.

O próprio governo passou a refletir a divisão externa na sua composição, com Osvaldo Aranha inclinado a favor dos Estados Unidos e outros ministros chefes militares simpáticos ao lado alemão. (Lamounier, 1988, p.6)

Enquanto deu, o presidente Vargas procurou manter o equilíbrio, não só com relação aos parceiros externos, mas principalmente quanto ao círculos políticos internos. Havia, no país, muitas pessoas que admiravam a Itália fascista e a Alemanha nazista. Joaquim Xavier da Silveira, que participou, como soldado, da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, afirma em suas memórias:

O noticiário da agência alemã Transozean, dirigida pelo notório Dr. Goebbels, exercia forte influência sobre essas minorias raciais. Por ordem direta do Marechal Goering, foram organizadas, em todo distrito brasileiro que abrigasse número suficiente de súditos alemães, unidades de combate filiadas às S.A. (Sturmabteilung). Essas unidades paramilitares estavam bem camufladas em clubes recreativos, esportivos, e sempre que possível, compareciam às festas cívicas, com o objetivo de conquistar novos simpatizantes. (SILVEIRA, 1989, p.26)

Contudo, não eram só os imigrantes e seus descendentes que assim pensavam e agiam. No interior do governo, também havia os admiradores do totalitarismo. Francisco Campos, Ministro da Justiça, publicava, em 1940, um livro no qual fazia aberto elogio a Hitler. No mesmo ano, o general Dutra, Ministro da Guerra, que décadas depois teve o nome alterado para Ministério do Exército, queria declarar guerra à Inglaterra.

Procurando contornar a situação de conflito, Vargas continuava na sua atitude de equilibrar-se sobre um fio acima de um precipício (e sabe-se lá o que haveria lá no fundo). A neutralidade parecia ser a melhor atitude, apesar de muitos dos seus oficiais superiores (como era o caso do General Góis Monteiro) mostrarem-se entusiasmados com os primeiros e rápidos sucessos das armas alemãs. Eles defendiam para o presidente que era melhor aliar-se ao Eixo naquele momento<sup>14</sup> antes que ficasse tarde para sermos bem aceitos pelos novos senhores do mundo. Contudo, Vargas temia a reação militar dos EUA, por isso não oficializou a aliança como era reclamada por muitos dos seus aliados.

Os Estados Unidos eram vistos com muita desconfiança pelos germanófilos, que acreditavam que os americanos queriam ocupar regiões brasileiras para os seus objetivos econômicos. Por outro lado, também não se podia confiar na Alemanha de Hitler que atacara países neutros. A chegada da guerra às costas africanas aumentou o temor de que ocorressem desembarques alemães no nordeste brasileiro.

A resolução dos problemas da administração varguista veio com o bombardeio japonês à Pearl Harbor: os EUA entram na guerra<sup>15</sup>. A movimentação da diplomacia norte-americana, que já iniciara os contatos anteriormente, levou à realização da *III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas*, ocorrida no Rio de Janeiro em 15 de janeiro de 1942. Os ianques desejavam que todos os países do continente declarassem guerra ao Eixo O Brasil defendeu o rompimento imediato das relações diplomáticas e comerciais, mas não a entrada no conflito. O medo de um possível ataque ao seu território levaram a Argentina e o Chile a recusarem a ideia<sup>16</sup>.

Devemos esclarecer que o fato de o Brasil romper as relações diplomáticas com os países do Eixo não significou que o Brasil entrava na guerra. Era ainda uma última tentativa de manter a neutralidade. Contudo, a reação da Alemanha foi imediata, e a atitude beligerante acelerou a mudança no comportamento da população brasileira (o que acabaria por influenciar o reticente governo do Estado Novo) a mais tarde entrar na guerra.

Portanto, a guerra se fez presente entre nós com muita rapidez: a 14 de fevereiro, o navio brasileiro *Cabedelo* foi torpedeado por um submarino alemão nas águas do Atlântico: morreram

---

<sup>14</sup> O Eixo foi o nome pelo qual ficou conhecida a aliança militar que inicialmente uniu Roma com Berlim, a partir de 1937 o Japão aderiu ao pacto, assim como a Hungria e a Espanha em 1939.

<sup>15</sup> A Alemanha e a Itália declaram guerra aos EUA a 11 de dezembro de 1941, a Romênia no dia 12 e a Hungria no 13.

<sup>16</sup> O Chile temia um ataque japonês ao seu litoral e só rompeu relações com o Eixo em 20 de janeiro de 1943. Somente em 26 de janeiro de 1944 é que a Argentina faz o mesmo.

todos os seus 54 tripulantes. Até o fim da guerra, foram afundados 36 navios mercantes brasileiros, com um total de quase 1000 mortes<sup>17</sup>.

Às vésperas da II Guerra Mundial, a Marinha de Guerra do Brasil dispunha de meios materiais bem precários, contando apenas com alguns “raiders” e alguns navios com, em média, mais de 30 anos de existência, e raríssimas unidades mais modernas para aquela época foram o lançamento ao mar de três contratorpedeiros o “Marcílio Dias”, o “Mariz e Barros” e o “Greenhalgh” como verdadeiros navios de guerra, isso entre julho de 1940 a 8 de julho de 1941, que tinham a missão de vigiar as nossas águas territoriais com mais de 3 mil milhas marinha, numa missão quase impossível e relativamente suicida se comparando a quantidade de submarinos alemães que rodavam o nosso litoral atlântico.

Em setembro de 1949, poucos dias depois do Brasil ter declarado guerra à Alemanha, o navio cargueiro inglês “Clement”, cuja maioria dos tripulantes foi salva por um navio brasileiro “Itatinga” que estava a 15 milhas a costa de Pernambuco e levados ao porto de Salvador, e nesse “meio tempo”, o navio brasileiro “Taubaté” foi alvejado por um avião alemão resultando em alguns mortos e vários feridos, cujo fato levou ao protesto do governo brasileiro junto à embaixada alemã no Rio de Janeiro.

Em 1941, a esquadra brasileira ainda praticava exercícios, patrulhamento e transporte quando foi assinada a “Carta do Atlântico”, e em 14 de agosto, deu-se o ataque japonês a Pearl Harbor, que provocou a entrada do Estados Unidos na II Guerra e, depois, o anúncio do Brasil em solidariedade aos nortes-americanos.

Na época, as Forças Aéreas Brasileira e Americana também patrulhavam as nossas águas territoriais e marítimas, desde do nordeste ao sudeste principalmente, porque essa era a rota de maior tráfico comercial e agora também era militar, porém, isso até aquele presente momento não faziam parte de um plano sistemático de colaboração entre as forças armadas envolvidas naquele conflito bélico – a II Guerra Mundial e isso teve de ser revisto, aumentando-se a área de cobertura aérea para certas escoltas de navios em comboios.

A essa altura dos acontecimentos, o exército brasileiro já tinha aumentado o seu efetivo de soldados e oficiais, que achavam-se distribuídos entre vários locais do litoral brasileiro, sob vigilância diária e noturna, mando baterias que repelisses qualquer ataque ou a extensão desta vigilância, também se coibissem o desembarque clandestino de estrangeiros em nossas praias ou de pontos acessíveis. Mesmo assim, quando o Brasil ainda não havia declarado guerra

---

<sup>17</sup> Muitos historiadores destacam o fato de que morreram mais brasileiros na Batalha do Atlântico do que nos campos da Itália fruto dos naufrágios e torpedeamento de navios brasileiros.

aos países do eixo, cerca de 20 navios brasileiros já haviam sido atacados por submarinos alemães.

A partir de agosto de 1942, o governo brasileiro declarou guerra aos agressores e automaticamente coberia a marinha do Brasil o patrulhamento do nosso extensíssimo litoral – do Amazonas ao Rio Grande do Sul e todos os navios brasileiros que se achavam nos nossos portos deveriam suspender as suas partidas e caso estivessem em trânsito (deslocamento), deveriam se recolher a um porto mais próximo ou a um local mais seguro para não sofrer nenhum ataque estrangeiro.

Por isso determinou-se que os navios o “Caravelas” e o “Cabelo”, que se encontravam carregados de minérios (de ferro talvez), fossem escoltados em comboio até o porto de Natal, no Rio Grande do Norte, para evitar o seu torpedeamento nas águas de Sergipe, Alagoas e da Bahia. A navegação mercante utilizou-se de um sistema de defesa montado pela marinha do Brasil e dos Estados Unidos com o objetivo de garantir a navegação entre os portos de Recife e do Rio de Janeiro por comboios internacionais, inclusive entre outubro e dezembro de 1942, três desses comboios – entre os portos de Recife e Rio de Janeiro teriam vindo de Trindade e Tobago, uma escolta exclusivamente Norte-Americana, que policiava a região do Caribe.

Essas escoltas de até mais de 20 navios, onde os navios mercantes de diversas nacionalidades – norte-americanas, inglesas, holandesas, brasileiros, suecos e outros vindos da América do Sul (Argentinos, uruguaios, paraguaios e chilenos), entre os quais estavam em um grande percentual de navios-tanque transportando combustíveis para o Rio de Janeiro, até a África do Sul em locais predeterminados ao sul da costa da Bahia. É bom lembrar que os navios brasileiros, em sua totalidade, não tinham “aparelho de escuta” submarina, nem radar, que em janeiro de 1943 não paravam os ataques dos submarinos alemães e italianos, transformando as águas da costa brasileira, desde ao norte ao sul em atívido teatro de operações de guerra.

Para se ter uma ideia da gravidade dessa situação, basta lembrar que, em 20 de agosto de 1942, o veleiro – barcaça “Jacira” - foi afundado por um submarino alemão próximo à costa da Bahia. No dia 24 daquele mesmo mês e ano, 6 trawlers que estavam sendo contidos pela Casa Lage (Santa Catarina) para o governo inglês foram transferidos para os domínios da marinha do Brasil, agora com a condição de corvetas, batizados com os nomes de “Matias de Albuquerque”; “Felipe Camarão”; “Henrique Dias”; “Antonio Fernandes Vieira”; “Vital de Negreiros”; “Barreto de Menezes”, cuja grande parte daqueles nomes estariam associados à história de Pernambuco na luta pela “expulsão” dos holandeses, lá no período colonial.

E nesse mesmo período, acontece a assinatura do decreto de lei pelo governo Vargas, durante o Estado Novo, incorporando ao patrimônio da união os navios mercantes de nacionalidade alemã ou italiana que estivessem em portos brasileiros como um tipo de reprovação dos prejuízos causados pelo afundamento de vários navios brasileiros pelos submarinos alemães e italianos. Em 2 de setembro, são incorporados do patrimônio nacional os bens e os direitos de financiamento de várias empresas, cujas atividades desenvolvidas estejam “associadas dos interesses da guerra – navegação, siderurgia e aviação”, e no dia 17 desse mesmo mês e ano, é decretada uma mobilização geral para todo o território nacional como “Estado de Guerra”, e nesse mesmo dia, os “Paquetes”, “Cuiabá” e o “Bajé” levam de volta para a Europa em navios brasileiros, destino era Rio de Janeiro – Lisboa, os embaixadores da Alemanha e Itália, funcionários das embaixadas e súditos dos dois países que não são escoltados, mas aqueles navios tinham em todo o seu costado avisos e dizeres que indicavam a importância daquela missão diplomática.

Em 24 de Setembro, são confiscados 3 navios alemães e 11 italianos, incorporados ao patrimônio da marinha do Brasil. todos esses navios estrangeiros, com os nomes de personagens da história nacional. O ministério das relações exteriores do Brasil comunica ou transmite as missões diplomáticas estrangeiras que funcionavam na capital federal – cidade do Rio de Janeiro – comunicando-as das medidas tomadas pelo governo brasileiro, sobre aquele confisco dos navios estrangeiros de bandeira alemã e italiana.

<b>II Guerra: Principais navios brasileiros torpedeados.</b>		
Data	Navio	Acontecimento
27 de setembro de 1942.	Cargueiro da Loide Brasileira “Osário e “Lages”.	Foram torpedeados e afundados em viagem entre Belém do Pará e Nova York.
28 de setembro de 1942.	“Antonico” de propriedade particular.	Foi afundado por um submarino alemão em viagem entre Belém e Macaraibo.
03 de novembro de 1942.	Cargueiro “Porto Alegre” da Companhia Carbonífera Sul Rio-Grandense	Foi torpedeado e afundado em viagem para Durban na África do Sul.
22 de novembro de 1942.	Cargueiro da Loide Brasileiro “Apaloide”.	Estava em processo de viagem entre Belém do Pará e Nova York.
02 de novembro de 1943.	Navio de passageiro “Afonso Pena”	Torpedeado próximo “dos Abrolhos”, indo em direção a África do Sul onde morreram 33 tripulantes e 92 passageiros.
30 de Junho de 1943.	Loide Brasileira “Tutoia”	É torpedeado ao norte da costa do litoral paulista próximo ao Rio Iguape Aguapeí com um saldo de morte de 7 tripulantes.
04 de julho de 1943.	Loide Brasileiro “Pelotas-loide”	Afundado em condições misteriosas (torpedo, mina ou bomba-relógio

		por sabotagem) tendo sido escoltado em segurança pelos caça-submarino Jacuí e Jundiú até o Pará.
31 de julho de 1943.	Loide Brasileiro “Bajé”.	Torpedeado ao largo da costa de Sergipe, vindo de Recife onde 20 tripulantes faleceram e mais 08 passageiros, além do comandante da embarcação.
26 de setembro de 1943.	Compainha Nacional de Navegação Costeira – navio “Itapagé”.	Este foi o maior desastre acontecido no litoral alagoano proveniente do torpedeamento por submarinos alemães de navios brasileiros. Este navio foi torpedeado na costa de Alagoas próximo ao povoado de Lagoa Azeda (Jequiá da Praia) em pleno dia com um saldo de 18 mortos e 70 tripulantes e 4 passageiros (dos 36 passageiros que embarcaram.) um pescador da região salvou boa parte dos naufragados.

23 de outubro de 1943	Loide Brasileiro “Campos”. Obs: Este foi o último dos 30 navios mercantes brasileiros afundados pelos submarinos alemães ou italianos com uma perda de 470 vidas humanas spo de tripulantes além de mais de umas centenas de não combatentes (homens, mulheres e crianças.) que eram passageiros.	Foi afundado próximo ao litoral de Santos, perdendo 10 tripulantes e 2 passageiros.
-----------------------	--	---

Quadro nº 3 – elaboração do autor.

A diminuição do número de torpedeamentos de navios mercantes que chegou ao sul de Santos em outubro de 1943 era uma “sinalização” da eficiência dos serviço de comboios, cujas escoltas mais numerosas e melhor treinadas indicou um relativo enfraquecimento mais acentuado da campanha de “afundamentos” pelos submarinos inimigos próximos da cista ou mais em alto mar, já tinham como causa indícios do enfraquecimento de poderio alemão agora mais preocupados com a sua campanha militar na Rússia (União Soviética).

Mesmo sendo um período de guerra, pode-se desenvolver (de um potencial que já existia localmente dependendo do caso a caso) uma indústria naval brasileira de reparos, docagem, reposição de peças e serviços de manutenção, limpeza de cascos, o reparo de hélices, lemes etc. Onde, no Rio de Janeiro, já existiam diques em condições de atender aquela demanda. Os americanos instalaram dois diques flutuantes, um em Natal e outro em Salvador, para atender o atlântico sul e nos portos equidistantes de Belém, Fortaleza, Vitória do Espírito Santo e Montevideu, que sempre essas reposições eram feitas por via aérea, que eram mais seguras. Em 28 de Janeiro de 1943, o Presidente Vargas chegou a Natal, no Rio grande do Norte, a bordo de um navio de guerra norte-americano, tendo um encontro com o americano Franklin D. Roosevelt, que voltava de Casablanca, no Marrocos, onde tiveram uma conferência com Curchill para tratar de problemas relativos à segurança da navegação no Atlântico Sul e dos novos recursos a serem mobilizados conforme já havíamos visto antes.

Houve reações populares onde ocorreram as grandes manifestações públicas e passeatas gigantescas, tanto na capital, que, na época, era o Rio de Janeiro, quanto em muitas cidades do país (com destaque para a cidade de São Paulo, onde havia uma grande concentração dos chamados “súditos do Eixo”).

A manutenção da política de neutralidade ficava insustentável. A opinião pública passou a exigir uma resposta mais dura por parte do Brasil. Essa situação não agradava a Filinto Müller, chefe da polícia política do Estado Novo, famoso pelas suas perseguições aos comunistas e democratas contrários ao regime<sup>18</sup>. Cresceram as denúncias de atividades de espionagem pró-Eixo. A solução preconizada e implantada pelo *Estado Novo* frente a esse “inimigo interno” foi a mesma que já empregava em outras circunstâncias: vigilância cerrada sobre os suspeitos, prisões com maus-tratos e (antes do início da guerra) a expulsão do país. Afinal, não vivíamos numa democracia já fazia muito tempo.

O rompimento de relações entre o Brasil e o Japão transformou a vida da colônia em um inferno. Duas velhas leis que nunca tinham sido aplicadas foram desenterradas e colocadas em prática. A primeira delas, de 1933, fora aprovada no auge da xenofobia dos “eugenistas” e proibia o ensino da língua japonesa a qualquer criança menor de dez anos, não importando sua nacionalidade. A outra medida, mais recente, fora baixada em 1938, a pretexto de controlar as “ideologias estranhas”, e que também nunca entrara efetivamente em vigor, agora passara a valer com força redobrada. Esta estabelecia que a língua portuguesa deveria ser obrigatória para o ensino de qualquer matéria que as escolas rurais – onde se concentrava a maioria dos japoneses – teriam de ser regidas por brasileiros natos; que o limite de idade para uma criança pudesse aprender línguas estrangeiras subia de dez para catorze anos; e, finalmente, que todos os livros destinados ao ensino primário teriam de ser escritos em língua portuguesa. (MORAIS, 2000, p.45)

Essas medidas contra os imigrantes japoneses e seus descendentes também foram estendidas aos membros das comunidades alemãs e italianas. Com o crescimento das ações patrocinadas pelos submarinos (principalmente alemães) na costa brasileira, novas medidas foram tomadas pelo governo brasileiro. Márcia Takeuchi (2008, p.117) conta que, após o torpedeamento de cinco navios cargueiros do Brasil e dos Estados Unidos que haviam partido do porto de Santos (no Estado de São Paulo), determinou-se a imediata evacuação da cidade dos chamados súditos do Eixo. A medida foi tão surpreendente que os envolvidos não tiveram tempo de colocar os seus negócios em dia.

---

<sup>18</sup> Em 4 de julho de 1942, Filinto Müller tentou impedir que a UNE (União Nacional dos Estudantes, fundada em 1937) realizasse uma passeata antinazista. Foi só pela intervenção do ministro interino da Justiça que a repressão não se efetivou. Uma consequência imediata foi a demissão dos ministros mais ideológicos que haviam patrocinado a imposição do Estado Novo.

Morais (2000, p.56) destaca que a perseguição aos japoneses, nesse momento, não fazia sentido, pois a verdadeira rede de espionagem (descoberta logo depois) tinha por base “poderosas estações de rádio instaladas pela Alemanha no Rio e em São Paulo, com decidido apoio de empresários alemães residentes no Brasil”. Essa estrutura fornecia ao comando alemão informações sobre, por exemplo, a movimentação dos navios aliados no Atlântico sul, o que facilitava a ação dos submarinos.

Uma medida anunciada em 11 de março de 1942 demonstra uma das principais características do Estado Novo: a preocupação com quem deveria pagar pelos danos. Afinal, essa era a base da “paz social” imposta em 1937: alguém sempre era culpado de uma situação e, portanto, não seria o governo do Sr. Vargas. O decreto assinado na ocasião determinava que os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos (pessoas físicas ou jurídicas) responderiam pelos prejuízos causados pelas ações bélicas. Dessa forma, são encampadas as companhias aéreas LATI (italiana) e Condor (alemã), e dezesseis navios do Eixo ancorados em portos brasileiros são incorporados ao patrimônio da União.

Em 23 de maio de 1942, foi assinado, em Washington, o acordo que criava a comissão Mista de Defesa do Brasil-Estados Unidos. Entre os seus muitos artigos, tínhamos a declaração de “que o Brasil operaria bases aeronavais no Nordeste, e estas poderiam ser utilizadas por forças militares norte-americanas, da forma como seria definido posteriormente” (SILVEIRA, 1989, p.42). O envolvimento brasileiro no conflito só aumentava e exigia-se uma tomada de posição definitiva a “favor ou contra os aliados”: àquela altura dos fatos.

O crescimento das atividades da guerra submarina contra a marinha mercante brasileira acirrou ainda mais a hostilidade popular no decorrer do primeiro semestre de 1942 (quando, e é bom lembrar, o avanço das tropas do Eixo parecia, em todas as frentes, irresistível). Em 4 de julho, a UNE lidera uma passeata de milhares de pessoas no Rio de Janeiro; a 18 de agosto, milhares de pessoas saem às ruas nas principais cidades do país, exigindo represálias contra os alemães: já se clama abertamente a entrada do Brasil na guerra. A reação do governo Vargas não podia mais ser prolongada: a declaração formal de guerra é assinada no dia 31 de agosto de 1942.

Finalmente, em janeiro de 1943, Franklin Roosevelt, voltando do encontro com Winston Churchill em Casablanca (no Marrocos francês recém ocupado pelos aliados), pousou em Natal e lá encontrou com Getúlio Vargas. Na conversa, o Brasil foi convidado a ser um dos membros fundadores da futura Organização das Nações Unidas (ONU). Por seu lado, Vargas, surpreen-

dendo inclusive as suas próprias forças armadas, revelou a sua disposição de enviar um contingente para a guerra que então se desenrolava na África. Foi a primeira manifestação sobre a criação da futura Força Expedicionária Brasileira (FEB).

A decisão era muito ousada para a época, porém, essa posição sinalizava uma disposição pelo governo brasileiro de alinhar-se com os Estados Unidos da América, afinal, o Exército Brasileiro ainda seguia as orientações da Missão Militar Francesa, que continuava apegada aos conceitos estratégicos gerados na Primeira Guerra Mundial (e que tinham ficado cabalmente demonstrado a sua incompatibilidade com a guerra que se travava naquela ocasião). Adaptar-se aos procedimentos empregados pelo Exército americano era uma tarefa gigantesca para um país ainda essencialmente agrícola (com milhões de analfabetos) e que tinha um presidente que não confiava politicamente nos seus generais conforme pode ser observado na citação de Bolívar Lamounier referindo-se a Gertúlio Vargas no começo desse capítulo. Luís Felipe da Silva Neves (2005, p.23) afirma categoricamente que:

A escolha do comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, deveu-se a uma hábil decisão de Vargas. Ele sabia que colocar alguém com habilidade política à testa de uma força bem treinada e armada podia representar grande perigo à sua já claudicante ditadura. Mascarenhas era um oficial conhecido por seguir à risca a disciplina militar, mas em hipótese nenhuma representou a escolha ideal para comandar a FEB<sup>19</sup>. Suas ações durante a campanha deixaram muito a desejar para qualquer um que possuía um mínimo conhecimento de história militar.

A preparação da tropa foi muito difícil, pois faltavam equipamentos e indivíduos treinados para operá-los quando estavam disponíveis, mesmo em operações simples como motoristas ou mecânicos de automóveis. O general Raul da Cruz Lima Júnior, lembrando da preparação da 2ª Cia do 9º Batalhão de Engenharia, destaca que:

Chegavam-nos informações sobre minas e armadilhas empregadas em massa pelo Africa Korps e os procedimentos usados pelos ingleses, que as tinham retirado sob o fogo inimigo. Boletins de informações começaram a fornecer elementos novos sobre colocação e retirada de minas e armadilhas.

Requisitamos todas as latas vazias de goiabada do rancho, assim como tudo que pudesse parecer uma mina; as latas maiores eram consideradas anticarro e as menores, antipessoal e armadilhas. Rolos de lã, usados para fazer blusas e similares, cujos fios facilmente se rompiam, serviam de ingrediente para substituir os detonadores das minas, assim como arames, fios e uma série de quinquilharias adotadas pela imaginação de cada um.

Todo fio de lã que se rompesse, ao ser retirada a suporta mina, produzia uma baixa e o autor era considerado fora de combate. (LIMA JÚNIOR, 1981, p.28)

---

<sup>19</sup> João Batista Mascarenhas de Moraes, quando cadete na Escola Militar da Praia Vermelha, recusou-se a participar do levante militar durante a *Revolta da Vacina*.

O exército brasileiro não possuía nem conhecia os “matérias” ou equipamentos de guerra mais modernos, as suas organizações táticas, que eram muito arcaicas ou ultrapassadas, os seus serviços deficientes e outros problemas que não pouparam nem seus soldados ou oficiais, indo desde a preparação física ou psicológica para ter um bom desempenho num conflito mundial dessa magnitude.

Apesar dessas deficiências estruturais, logísticas e funcionais, o nosso “poder militar” era precário, mas o governo de Getúlio Vargas decidiu a participação das “armas brasileiras” (Exército, Aeronáutica e Marinha no policiamento e vigilância do nosso litoral), que participaram do conflito como mais um tributo a solidariedade à causa aliada a prevalecer na participação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) na Itália, em Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Monte Prato, Fornovo e outros locais entre os vales do Rio do Pó e do Rio Arno.

Desde Agosto de 1943 já vinham sendo traçados as normas e estratégias em caráter sigiloso para a organização da FEB destinadas a cooperar no além-mar com os exércitos aliados na missão de destruir o inimigo comum, ou neutrolizá-lo no mínimo.

Após vários exames médicos, que reprovavam muitos do pré-selecionados, e de um treinamento físico intensivo, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária concentrou-se no Rio de Janeiro, esperando o embarque<sup>20</sup>. O longo processo de treinamento primário (de modo geral, os soldados não tiveram contato com os equipamentos e armamentos que iriam realmente utilizar em campanha) só foi concluído quando os Aliados já tinham desembarcado na Normandia (4 de junho de 1944, o Dia D), marcando o início do final da Segunda Guerra Mundial. No total, a 1ª DIE era formada por 25.334 homens e mulheres, mas o braço letal era composto de cerca de 15 mil combatentes.

Devemos aqui registrar que, desde agosto de 1943, vinham “amadurecendo a ideia”, trancando as normas ou caráter sigiloso para a criação e organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB), destinada a cooperar a ser “um ponto de apoio” no conflito além-mar com os exércitos aliados na sua missão de dominar e destruir os seus inimigos em comum – o Nazifascismo e o Japão.

Bem numerosos e difíceis foram os obstáculos a serem superados e a tarefa de organizar uma força expedicionária – com um conflito bélico do porte de uma II Guerra Mundial não era uma tarefa fácil, de acordo com os modos norte-americanos de como deveria funcionar ou se comportar em combate um Exército aliado. A longos anos, conforme já teria sido dito antes, o Exército Brasileiro já vinha sendo instuído por uma missão militar francesa que influenciava

---

<sup>20</sup> A estadia na Capital Federal foi motivo para desfiles para a demonstração cabal de que o Brasil tinha uma força expedicionária e que ela iria lutar na Europa.

na sua organização, seus regulamentos, processos de combate e a mentalidade militar francesa. De repente, quase “da noite para o dia”, surgia uma missão ou tarefa (quase impossível) se observados as condições necessárias que precisar-se-ia de mais tempo para fazer-se formação, preparo, instrução e formação de pessoal habilitado para tal ofício. Construir uma divisão de infantaria (a força militar que “abre caminho na guerra) com uma organização norte-americana e, além disso, instruí-la, adestrá-la dos novos regulamentos e normas da época, com uma revisão quase permanente e revolucionária fundamentada em princípios de campo ao mar. O principal problema a ser superado foi o “jeito”, a “mentalidade” e a “prática” da substituição de uma formação militar francesa por uma norte-americana, todo êxito dependia da rapidez dessa assimilação.

O embarque dos já chamados pracinhas se deu em meio a grande sigilo, como lembra o general Aureliano Moura, sendo a Divisão dividida “em cinco escalões distintos que partiram em datas diferentes” (2005, p.19). O primeiro escalão zarpu no navio americano *General Mann* no dia 2 de julho e chegou a Nápoles depois de quatorze dias de navegação.

Silveira (1989) afirma que

As roupas e uniformes lavados a bordo do navio transporte, ou no acampamento da Itália, encolheram demasiadamente, e as cores não eram firmes [...] e] a cor verde-escura era semelhante à do uniforme alemão e só de perto, observando-se os distintivos e outras características, é que se podia fazer a diferença. (SILVEIRA, 1989, p. 58)

Essa característica do fardamento provocou uma recepção problemática em Nápoles, pois, além do fato dos uniformes lembrarem o dos alemães, “o aspecto os pracinhas após uma travessia do Atlântico num navio americano extremamente lotado, não era dos melhores. Por tudo isso, foram confundidos pelos italianos com prisioneiros alemães e recebidos a pedradas” (NEVES, 2005, p.23).

A seguir, apresentamos um quadro com as informações sobre os demais escalões da 1ª DIE:

<b>Partida</b>	<b>Navio</b>	<b>Comando</b>	<b>Efetivo</b>	<b>Chegada</b>
22.09.1944	<i>General Mann</i>	Gen. Cordeiro de Farias	5075	6.10.1944
22.09.1944	<i>General Meighs</i>	Gen Falconiere	5239	6.10.1944
23.11.1944	<i>General Meighs</i>	Cel. Travassos	4691	7.12.1944
08.02.1945	<i>General Meighs</i>	Tem-Cel. Meirelles	5982	22.2.1945

Quadro nº 4 – elaboração do autor.

A tropa brasileira foi incorporada ao V Exército Norte-Americano (comandado pelo Gen. Mark Clark) e entrou em combate no início de setembro, sem muito tempo para o treinamento com o equipamento e armamento efetivos, pois aconteceu a retirada dos soldados franceses da Itália para participarem da invasão do sul da França. Os demais escalões também passaram por rápidos treinamento e foram logo engajados na frente de combate no norte da península em pleno inverno (certamente, era a primeira vez que os brasileiros viam neve) e esse problema do intenso frio que não estávamos acostumados a ele, além das dificuldades do deslocamento das tropas ao longo do conflito bélico.

O professor César Campiani Maximiano faz uma triste constatação historiográfica que muito bem explica a falta de narrações mais objetivas da participação das tropas brasileiras nas batalhas:

Muitos veteranos da FEB contribuíram para a falta de conhecimento da história da campanha na Itália. Por medo de chocarem as pessoas, eles evitavam contar detalhes da ferocidade dos combates e das condições de vida na frente de batalha. Nas eventuais tentativas de contato com antigos integrantes da FEB, sobressaem as narrativas de cunho anedótico como as eventuais aventuras com garotas e situações cômicas vividas em acampamentos na retaguarda, no lugar das recordações traumáticas que a própria memória procura convenientemente ocultar. (NEVES, 2005, p.27)

Sobram, portanto, as narrações oficiais redigidas em linguagem grandiloquente em que se destaca a sapiência dos comandantes nas vitórias sempre citadas de Monte Castelo, Montese e Fornovo di Taro. Parece que, para os pracinhas, restou a admiração do adversário. Em Castelnuovo, foi encontrado um túmulo onde os alemães escreveram “3 Tapfere (3 Valentes) – Brasil – 24.1.1945”. Outro, em Montese, trazia a inscrição “Drei brasilianische Helden” (“Três heróis brasileiros”). Os brasileiros tombados eram considerados heróis pelos inimigos. Já as autoridades brasileiras, depois dos desfiles majestosos da volta, determinaram uma desmobilização geral e irrestrita. “Os expedicionários foram proibidos de dar declarações públicas e até mesmo de andar uniformizados pelas ruas ou portando medalhas e condecorações” (FERRAZ, 2005, p.31). Como se fosse símbolo de vergonha nacional.

Para concluirmos esta rápida exposição do Brasil na Segunda Guerra Mundial, não podemos deixar de apresentar a conclusão apresentada por Luís Felipe Neves no seu artigo que nos foi tão útil em neste trabalho de conclusão de curso:

Embora nossos aliados anglo-saxões fossem de um racismo mais do que explícito – exemplo disso é o de que os negros americanos, com raríssimas exceções, eram usados em funções de pouca importância na retaguarda – o flagelo da discriminação étnica também ocorreu na FEB. Cito apenas dois exemplos: antes da partida para a Itália, ao desfilarem pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, os febianos negros foram obrigados pelos seus oficiais a ocupar lugares internos nas formações, e no campo de

treinamento em Vada, durante uma visita do primeiro ministro inglês Winston Churchill, novamente os negros receberam ordens de não se postar nas fileiras frontais da tropa formada. Convém porém lembrar que apesar de tudo a FEB foi a única força integrada racialmente. Isto é, reuniu negros, brancos, amarelos e pardos lutando numa só unidade. Se o fato não era relevante para nós, o era para os nossos aliados, que não perdiam oportunidade de visitar o corpo brasileiro a fim de observar suas "esquisitices tropicais".

Infelizmente os aspectos negativos acima narrados são sistematicamente excluídos dos relatos ditos oficiais sobre a companhia da FEB na Itália. (NEVES, 2005, p.25)

Muito bem já sabemos que, durante esse período da história, já tinha-se lançado no Brasil o livro de Gilberto Freire “Casa Grande e Senzala”, que suavizava a questão racial, defendendo o “mito da tolerância racial brasileira” na medida em que escomateava e negligenciava a essência do racismo brasileiro, que não se assume como tal e o que é mais grave é que ele usa falsos conceitos e preconceitos para autojustificar a exclusão de negros e negras na vida, no mercado de trabalho, nas profissões que são estabelecidas como para “pretos” ou para “brancos”, criando a autodiscriminação que não deixa de ser um ato de poder ou uma violação dele em nome de uma etnia, cor ou classe social onde o racismo atribui vantagens sociais a certos grupos e desvantagens a outros.

Nos Estados Unidos da América do Norte, o racismo é “de marca” (genética), foi uma forma de cisão onde eles, para se “unificarem” enquanto sociedade depois da Guerra da Secesão (1861/1865), tiveram que colocar o racismo na mesa de negociações, enquanto que no Brasil se fizeram leis radicais que beneficiavam mais os brancos do que propriamente os negros, onde a prática do racismo no Brasil – apesar de hoje ser um crime imprescritível e inafiançável – ainda se observam práticas de racismo estrutural ou institucional e no cotidiano das pessoas apesar de um crescimento da consciência necessidade de denunciá-los e puni-los exemplarmente.

Voltando à “discussão” para o nosso tema principal, mesmo verificando a pertinência do tema abordado no paragrafo anterior, já que isso também faz parte da história da II Guerra, a discriminação e o preconceito contra os soldados de cor negra tanto nos pelotões norte-americanos quando nas tropas brasileira da FEB.

Em 1942, quando os Estados Unidos se preparavam para atacar a Alemanha na área do Atlântico, tínhamos de encontrar solução para o problema de levar aviões, através do oceano, para a África do Norte, para o Oriente Médio e para o Teatro da China-Birmânia. Pelo Pacífico, as distâncias eram proibitivas, exceto para os grandes aviões de transporte da época. Havia a alternativa do percurso pela Inglaterra, via Islândia, mas, também neste caso, só teria validade para os aviões maiores. Ademais, se condições meteorológicas da rota do norte acarretavam sérias limitações durante a maior parte do ano (WALTERS, 1986, p.72)

As palavras do general Vernon Walters<sup>21</sup> não poderiam ser mais claras: a guerra obrigava as forças armadas norte-americanas a agir, pois as condições geográficas eram desfavoráveis aos seus planos e necessidades militares. Estava-se em uma situação em que ou se fazia o que era preciso, ou se fazia assim mesmo.

Antes mesmo da declaração de guerra pelo Brasil, a diplomacia norte-americana iniciou as negociações para a utilização militar do chamado “saliente do Nordeste”. Com a instalação de bases navais e aéreas no litoral nordestino, reduzia-se praticamente para a metade o espaço marítimo a ser sobrevoado.

Por outro lado, antes mesmo da oficialização do “Estado de Guerra” com a Alemanha, Hitler – segundo afirma Joaquim Xavier da Silveira – determinou uma operação contra o Brasil.

O governante alemão achava que era preciso dar uma lição nos brasileiros pela atitude favorável aos aliados. O plano inicial previa ataques de surpresa aos portos do Rio, Santos, Salvador e Recife, com afundamento de navios e a minagem dos canais de acesso. O embaixador alemão Ritter, conhecedor da política sul-americana, ponderou que esse ato de guerra desencadearia uma solidariedade continental que poderia arrastar Argentina e Chile, cuja neutralidade convinha aos interesses da Alemanha. Hitler resolveu então modificar o plano. Escolheu determinadas áreas da costa brasileira e ordenou aos submarinos que limpassem a área, ou seja, torpedeassem os navios. (SILVEIRA, 1989, p.40)

A defesa contra os ataques submarinos exigia a formação de comboios e a proteção aérea dos mesmos. Portanto, a criação de bases aéreas no litoral nordestino, assim como a sua cessão aos norte-americanos, interessava a ambos os lados. Contudo, havia muito trabalho a ser feito, pois, em termos de defesa, o Nordeste estava abandonado desde os tempos da invasão holandês (século XVII), e os fortes constuídos pelos portugueses e brasileiros eram obsoletos e ultrapassados para esses novos tempos de guerra e combates aéreos e navais, majoritariamente com novas táticas e técnicas muito avançadas. Os interesses geopolíticos brasileiros, há muito tempo, estavam centrados na região platina, onde os grandes confrontos bélicos nacionais haviam sido travados.

O desafio que se apresentava às forças brasileiras não era pequeno. O Ministério da Aeronáutica foram criado em 20 de janeiro de 1941 e nossa Força Aérea literalmente nasceu em “estado de guerra”. As necessidades eram todas urgentes e emergenciais. Apesar disso, soube-se conjugar esforços. (LUCCHESI, 2005, p.44)

---

<sup>21</sup> Walters era um poliglota, algo raro nos EUA daquela época, por isso esteve envolvido em vários episódios da II Guerra Mundial e continuou depois atuando em missões nem sempre militares, tendo assumido o posto de Vice-Diretor da CIA durante o governo Richard Nixon.

Em 25 de julho de 1941, foi emitido o decreto que autorizava a Panair do Brasil (subsidiária da Pan American Airways) a construir ou reformar os aeroportos de Amapá, Belém, São Luís, Fortaleza, Natal, Recife, Maceió e Salvador. As obras foram custeadas pelos norte-americanos, os maiores interessados em contar com várias bases de apoio para a sua campanha militar, que ainda se desenrolava na África e que, logo mais, iria entrar pela Itália adentro.

Com as obras de construção concluídas, foram tomando forma as unidades da recém-criada FAB na região: em 4 de fevereiro de 1942, formou-se uma unidade de treinamento dos pilotos; em março, foi criada a Base Aérea de Natal, todas englobadas na 2ª Zona Aérea, cujo comando foi passado ao brigadeiro Eduardo Gomes. A sede de comando foi instalada no antigo posto da companhia aérea francesa Aeropostale na cidade de Recife.

A presença norte-americana se deu logo após o ataque a Pearl Harbor: utilizando hidroaviões Catalina, iniciaram as patrulhas antissubmarino a partir do Rio Potengi, em Natal. A ação foi simultânea à chegada de uma força-tarefa da Marinha norte-americana, que também passou a patrulhar as águas brasileiras, conforme já havíamos citado antes.

A principal base de operações dos americanos foi em Parnamirim (em Natal) de onde partiam diariamente os aviões que procuravam os submarinos<sup>22</sup>. É interessante destacar aqui que um submarino submerso não era visível quando observado obliquamente, contudo era perfeitamente visualizado quando era observado do alto de um avião (com 90° de inclinação).

Contudo, no primeiro semestre de 1942, ainda se estava no início da presença das guerra submarina nas costas brasileiras:

No início de 12 de agosto, depois das explorações italianas, chegava às águas brasileiras o primeiro U-boot, o U-507, um submarino de longo curso (Tipo IXC), sob o comando do experiente capitão de corveta Harro Schacht. Demonstrando a astúcia e agressividade dos submarinos germânicos, o U-507 daria cabo dos mercantes Baependi (15 de agosto), Araraquara (cerca de duas horas depois, no mesmo dia), Aníbal Benévolo (por volta 3h10 do dia 16), Itagiba (na manhã do dia 17), Arará (minutos depois do Itagiba) e da barça Jacira (posta a pique com tiros de canhão no dia 19) (LUCCHESI, 2005, p.46)

Após essa verdadeira carnificina (foram 610 mortos no total), começaram a aparecer nas praias cadáveres de homens, mulheres e crianças, o que espalhou o medo e a revolta entre os habitantes do litoral nordestino (principalmente na Bahia). “Estimulada pela imprensa desde o primeiro momento, essa hostilidade transformou italianos e, principalmente, alemães em inimigos convictos – pessoas a serem vistas com desconfiança e objeto de desejos de vingança. Não

---

<sup>22</sup> A Base de Parnamirim passou a ser conhecida como o Trampolim da Vitória.

satisfeita em canalizar seu ódio contra os “súditos do Eixo”, a fúria popular exigia que o governo, o Estado Novo de Vargas, agisse da mesma forma. (MOUTINHO, 2004, p.40).

A população baiana não precisou esperar muito, pois, a partir da razia do U-507, aconteceram as já citadas manifestações no Rio de Janeiro que levaram o governo a declarar guerra ao Eixo e passou-se a organizar comboios mercantes no litoral brasileiro com o apoio aéreo da FAB<sup>23</sup>.

As primeiras vitórias dos Aliados começaram a partir de janeiro de 1943. Lucchesi destaca que “no dia 6, um Catalina do VP-83 afundaria o U-164 (ao norte de Jericoacoara, Ceará) e, sete dias depois, outros aviões da mesma unidade dariam cabo do notório U-507” (2005, p.48). Contudo, a situação para o comando norte-americano era difícil, pois, com 11 aviões, precisava patrulhar um litoral de cerca de 4.100km, do Cabo Orange a Salvador.

No decorrer do segundo semestre de 1943, começou a virada, pois o número de aviões enviados para as bases brasileiras foi aumentando, além de terem chegado os “modernos quadrimotores Consolidated PB4Y Liberator (versão antissubmarino do B-24) (LUCCHESI, 2005, p.48). Também deve-se registrar a chegada de outras unidades de Marinha norte-americana o que fortaleceu a escolta dos comboios<sup>24</sup>.

Apesar da ousadia dos comandantes dos *U-boot*, que se espalharam por toda a costa brasileira, a presença dos aviões da FAB e da aeronáutica norte-americana provocaram uma crescente perda de unidades alemãs, como podemos observar no quadro abaixo:

<b>Submarinos alemães abatidos no Atlântico sul</b>		
<b>Data</b>	<b>Submarino</b>	<b>Local</b>
17.5.1943	U-128	ao largo de Pernambuco
9.7.1943	U-590	próximo da foz do rio Amazonas
19.7.1943	U-513	sudeste da ilha de São Francisco do Sul
21.7.1943	U-662	próximo da foz do Rio Amazonas
23.7.1943	U-598	ao largo de Natal
27.7.1943	U-199	ao largo da Guanabara
30.7.1943	U-591	ao largo de Pernambuco
11.8.1943	U-604	próximo a Fernando de Noronha

<sup>23</sup> Joaquim Xavier da Silveira conta que “alguns navios mercantes argentinos, neutros, portanto, passaram a ter um comportamento estranho, que chegou a ser definido com o insolente e desrespeitoso. Esses navios cruzavam os comboios brasileiros com luzes acesas e irradiando suas coordenadas geográficas, usando para isso pretextos fúteis (p.41).

<sup>24</sup> Foi de fundamental importância para a vitória norte-americana a continuidade das exportações brasileiras, principalmente de minério de ferro.

27.9.1943	U-161	litoral da Bahia
5.11.1943	U-848	sudoeste da ilha de Ascensão
30.10.1943	U-170	ao largo de Cabo Frio
13.12.1943	U-172	oeste das Ilhas Canárias

Quadro nº 5 – elaboração do autor

Ao terminar o ano de 1943 – nas palavras de Cláudio Lucchesi (2005, p.56) –, “a ameaça dos U-boot no litoral brasileiro, se não estava completamente erradicada, com certeza estava absolutamente dominada”. Para concluirmos esta fase da guerra, temos que

Para a FAB, a participação na Batalha do Atlântico representou um prematuro e heroico batismo de fogo (o 1º Grupo de Caça só começaria a operar na Itália no último trimestre de 1944). Também representou um “divisor de águas”, dos tempos épicos e românticos dos biplanos do Correio Aéreo Nacional para a tecnologia e as doutrinas da guerra moderna. (LUCCHESI, 2005, p.55)

Nem só de combates aéreos ou navais viveu o Nordeste brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. Havia o medo, a carestia e a boataria. Mas também havia a festa, a esperança e a modernidade que chegava com os americanos.

Na Bahia, havia o medo (não era só lá, no sul e no sudeste havia muitos imigrantes “súditos do Eixo” a serem vigiados e atacados) que só aumentava graças a disseminação de boatos (hoje nós iríamos dizer que eram *fake-news*).

Nesse ambiente de paranoia e temendo que informações importantes caíssem em mãos inimigas, a imprensa baiana, em março de 1943, solicitou à população que adotasse o lema “Calem a boca”. Segundo o *Diário da Bahia*, conversas descuidadas poderiam custar vidas. O periódico pedia cautela ao baiano nas conversas e informações, pois “uma palavra seria o bastante para fornecer ao espião o “fio da meada” por ele procurado”. (MOUTINHO, 2004, p.40)

Em 2004, Frederico Nicolau entrevistou, para a revista *Asas*, Billie Goodell, apelidado por seus companheiros como *Eagle Eyes* (Olhos de Água) por ter avistado o U-164 e por ter neutralizado a defesa antiaérea do U-boot com certos tiros da metralhadora do Catalina em que voava, permitindo o posterior afundamento do submarino próximo a Jericoacoara, no Ceará. Na oportunidade, era um jovem marinheiro mandado para o Brasil pela Marinha norte-americana. As suas lembranças, narradas ao entrevistador, nos permitem recuperar um pouco da vida dos americanos em Natal:

Já na cidade de Natal, os aviadores tinham permissão de frequentar dois bares, onde podiam tomar uns drinques e conversar com garotas. Um ficava de frente para o mar,

chamado Wonder Bar, e o outro, mais acima, o Goodyear. Eles iam neste último, que tinha um pátio enorme. Uma das garotas dali era um ruiva chamada Cymara Britto, que sempre se sentava à sua mesa e bebia com eles. Eles pagavam as bebidas e elas ganhavam comissão sobre a conta, quanto mais bebiam, mais elas ganhavam. Um dia, ela chegou com uma caixa de bombons e Goodell alegrou-se – “oba, para mim?”. Ela se sentou, abriu a caixa e disse: “sim, isso é para você se algum dia eu te ver bebendo com outra mulher”. Dentro da caixa havia um revólver 38 carregado. (NICOLAU, 2004, p.72)

Eram tempos de guerra, onde todo cuidado era pouco! Nas cidades litorâneas, além da vigilância permante em todo o seu litoral por tropas fixas e ou que faziam o rodizio da nossa costa quando antes do anoitecer todas as luzes tanto dos “postes”, quanto nas casas particulares ou privadas onde a população foi chamda a colaborar na vigilância, alerta e até na confecção de hortas caseiras para abastecer a família e a comunidade nível mais geral.

Mas os americanos não tinham vindo para ficar (pelo menos não todos). O então capitão Walters pode ter um experiência reservada a poucos: utilizar plenamente o “Trampolim da Vitória”:

Hoje, às 23:04 horas, embarcamos em um Liberator B-24 que atravessará o Atlântico. Depois das instruções sobre a utilização dos salva-vidas, com a recomendação de que deveríamos usá-los durante toda a viagem, decolamos da grande base de Natal. O avião, muito carregado, ganhou altura lentamente. Sobrevoamos o campo, com os possantes motores roncando no esforço da subida. Alcançamos o mar, subindo cada vez mais. Em poucos momentos, as luzes de Natal desapareceram na escuridão e o grande avião rumou sobre o Atlântico para Dacar, na costa africana, distante 3.000 quilômetros. Como a viagem se prolongasse pela noite afora, dormi durante boa parte do tempo [...] Ao longe, no horizonte, uma fímbria de luz começou a despontar, enquanto as chamas do exaustor empalideciam com a aproximação da madrugada. O dia raiou no avião a 10.000 pés acima do mar. Lá embaixo, a sombria imensidão do oceano estava ainda mergulhada na noite. Somente quando o sol subiu mais, o mar perdeu sua cor escura e lentamente foi-se tornando azul [...] Ao entrar no avião em Natal, na noite anterior, minha principal preocupação não era com o tamanho do percurso nem com o oceano, mas quanto à decolagem, em virtude do peso excessivo do combustível necessário para a travessia do Atlântico. Uma vez no ar, depois de uma boa decolagem, relaxei em minha poltrona e preparei-me para dormira extensão do voo nunca me preocupou. Após deixarmos a costa brasileira, as únicas luzes que vi foram as do próprio avião, ao longo de todas as centenas de quilômetros voados durante as horas de escuridão, depois que o dia raiou, nada mais além de mar e céu. (WALTERS, 1986, p.79)

## 2.1 A Segunda Guerra Mundial em Alagoas

Alagoas é um dos menores estados da Federação Brasileira e, em 1940, a sua população também era pequena. A junção desses dois elementos (território e população) talvez expliquem a pequena participação dos alagoanos nas atividades da guerra. Contudo, não é porque foi pequena é que a participação não existiu. Muito pelo contrário!

Vejamos então o que disse o Octogenário Temístocles José de Moura, em entrevista concedida ao jornalista Roberto Vilanova em uma reportagem comemorativa aos “66º aniversário de comemorações dos alagoanos que roubavam o fim da II Guerra”, quando esclarece-se a respeito de quantos alagoanos participaram daquele conflito bélico dizendo que:

O maior conflito bélico da história da humanidade e que deixou sequelas mundo afora, inclusive no Brasil e especialmente em Alagoas onde cinco (05) alagoanos dos quase 50 que embarcaram para o “front” na Força Expedicionária Brasileira morreram nos combates na Itália e deixaram seus nomes marcados na história do conflito que dividiu a humanidade netre antes e após a II Guerra. (VILANOVA, 2011, p.A-19)

Um dado interessante que devemos ressaltar aqui é que o número de alagoanos que foram para a Itália (148 soldados convocados) foi superior ao Amazonas e Maranhão. Gigliele Fontes afirma que a historiografia alagoana é permeada por lacunas, principalmente durante a década de 1940, daí fazendo-se necessário maiores pesquisas e estudos, não só sobre a Segunda Guerra.

**Figura 12 - Soldados alagoanos que participaram da II Guerra Mundial.**



Fonte: Vilanova (2011, p. A-19)

Alagoas fazia parte da 7ª Região Militar formada pelos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Para comandar essa ponta do Brasil foi nomeado, em junho de 1940, o general Mascarenhas de Moraes (que mais tarde seria catapultado para o comando da FEB). Ele tinha plena consciência de que a região sob seu comando tinha uma posição estratégica muito importante para a guerra que realmente se iniciava naquele momento<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Após a conquista da Polônia, ainda em 1939, houve um momento de diminuição da atividade bélica nos dois lados, foi a chamada *drôle de guerre*.

O Estado alagoano havia somente o 20º Batalhão de Caçadores com o efetivo de 500 homens sediado na capital. Após a declaração de guerra, instalou-se em Alagoas o 22º Batalhão de Caçadores e o grupo de artilharia II/4º R.A.M, transferidos de Itu, no interior paulista. Essas tropas chegaram em 15 de outubro de 1942, quando os primeiros contingentes norte-americanos já se instalavam em Natal.

**Figura 13 - Rota para campanha da FEB.**



Fonte: Cotrim (1985, p120).

Do Porto de Jaraguá partiam os alagoanos que se alistavam para o front europeu, os chamados “pracinhas”. Lágrimas e tensão dos familiares que iam se despedir de seus entes queridos, numa jornada que poderia ter um fim trágico. Soldados norte-americanos chegavam à Maceió, trazendo novos costumes. A lagoa Mundaú era campo de pouso para os aviões (os hidrosaviões – grifo nosso), enquanto balões ou dirigíveis cruzavam o céu para procurar submarinos inimigos. NO velho planalto de Jacutinga (hoje bairro do farol) lugar ainda sem habitações onde abundavam os jacus (espécie de galináceo nativo da mata atlântica – grifo nosso) funcionava um pequeno aeroporto (hoje é o aeroclube de Alagoas – grifo nosso) com grande movimentação, pois dali também partiam aviões com tropas aliadas para combater na África e na Europa. (TENÓRIO, 2017, p.111)

Gigiele Pereira Fontes destaca, em seu Trabalho de Conclusão do Curso de História, que a população de Alagoas como um todo, mas principalmente a de Maceió, já vivia uma situação de pânico devido a intensa veiculação pela imprensa (devemos destacar o fato dela

ainda estar sob estreita censura promovida pelo DIP<sup>26</sup>) sobre o perigo que ameaçava os habitantes do litoral de serem invadidos ou bombardeados, como estava ocorrendo na Europa, África e Ásia.

A administração estadual havia sido delegada ao General de Brigada Ismar de Góis Monteiro (em 19 de fevereiro de 1941), irmão mais novo do General Pedro Aurélio Góis Monteiro, considerado por muitos como um dos fiadores do poder ditatorial de Getúlio Vargas. Os Góis Monteiro descendiam de uma tradicional família alagoana que se aproveitara do golpe de 1930 para ascender à política local e nacional. O Gen. Ismar, por suas declarações e seus atos, era um fiel seguidor das ideias que inspiravam a implantação e manutenção do Estado Novo. Certamente não via com bons olhos a movimentação popular contra o Eixo. Contudo, a declaração de guerra em 1943 veio alterar, por completo, a situação ideológica.

Todo o litoral nordestino fora considerado uma área estratégica que deveria receber melhorias na infraestrutura e reforços no contingente militar. Também Alagoas recebeu a sua parcela de militares ianques. O *site* História de Alagoas informa que, em 16 de fevereiro de 1943, foi instalada, em Maceió, uma das nove sedes para o acantonamento dos *blimps* (dirigíveis) fornecidos pela Marinha norte-americana. Cláudio Lucchesi discorda da informação, dando como data de chegada dos aparelhos ao Brasil o mês de setembro de 1943. Os dirigíveis (organizados em dois esquadrões com várias aeronaves cada um), segundo o mesmo autor, fizeram rodízio por todo o litoral brasileiro.

Nenhum dirigível destes chegou a fazer contato com um submarino inimigo, mas é curioso notar que existiam planos (que não foram efetivados) para que o ZP-41 transferisse seus blimps a uma unidade de dirigíveis da FAB. Pessoal brasileiro chegou a seguir para os EUA para treinamento, mas nunca se efetivou a criação de tal unidade brasileira. (LUCCHESI, 2005, p.53)

Alagoas voltou a figurar no noticiário do conflito quando o *U-boot* U-154 atacou o navio de passageiros *Motocarlino* em 8 de maio de 1943 a 80km de Maceió. O avião enviado em apoio verificou que o navio conseguia por meios próprios rumar com segurança para a costa. Por outro lado, a presença do reforço aéreo fez o submarino desistir de perseguir o *Motocarlino*.

Melhor sorte não teve o *Itapagé*, da Companhia Nacional de Navegação Costeira: foi torpedeado pelo U-161 e afundou junto ao litoral de Lagoa Azeda em 26 de setembro de 1943 (quando a presença de submarinos em nossa costa já estava bem reduzida). O ataque ocorreu em plena luz do dia e os pescadores da região lançaram-se ao mar para guiar os escaleres para

---

<sup>26</sup> O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) era o responsável pela censura aos meios de comunicação e da propaganda do regime instituído em novembro de 1937.

longe dos recifes que os ameaçavam ao chegar na praia. “Com a notícia do torpedeamento, a ira popular se reacendeu e casos de perseguição e/ou exclusão aos estrangeiros do Eixo reaparecem” (FONTES, 2019, p.37)

A participação popular foi, muitas vezes, explosiva. Outras vezes, contudo, era bem coordenada pela Defesa Passiva Antiaérea, ligada ao Ministério da Justiça. Ela foi responsável por preparar a população para os imaginados ataques aéreos, assim como a realização de vários exercícios de *blackout* em Maceió<sup>27</sup>.

Por fim, temos a participação alagoana na FEB. Quando a ideia do governo brasileiro de enviar tropas ao exterior veio à público, falou-se em três divisões, o que importaria um total de cem mil homens. Abriu-se o voluntariado, que foi, apesar de toda a propaganda, um fracasso. Apenas 2750 se apresentaram, dos quais 1570 foram julgados aptos e incorporados. Os demais componentes da FEB foram convocados.

Vários autores são unânimes em afirmar que o Exército regular brasileiro refletia os problemas sociais e econômicos da nossa população: a maioria dos recrutas era analfabeta e tinha práticas de higiene sofríveis.

Finalmente, ao consultar o trabalho de Gigliete Fontes, existe um tema que nunca passou pela cabeça dos pesquisadores que se debruçaram sobre uma população envolvida em um conflito bélico daquela magnitude: no início do ano de 1943 (o mais trágico em termos da ação dos submarinos em nosso litoral) ocorreu um grande debate nos jornais da capital alagoana e que dividiu os autores em dois campos antagônicos: deveria ou não haver carnaval naquele ano?

Realmente, Alagoas encontrava-se em guerra!

Alagoas foi sacudida pelo clima de guerra. As luzes eram apagadas a noite. Os exercícios militares eram realizados onde (grifo nosso) a juventude e os intelectuais promoviam memoráveis comícios, exigindo a participação do Brasil na guerra contra o totalitarismo do nazi-fascismo.

A guerra estava no cotidiano dos alagoanos, soldados nas ruas, apagões, sirenes, exercícios militares, recomendações nas escolas, nas igrejas, comunicados do interventor e dos comandantes militares. Esperava-se bombardeios e ataques a qualquer instante. Proibições, precauções em tudo e os gritos do Itapagé ecoavam nos ouvidos dos alagoanos. Áreas desabitadas como o Tabuleiro e o Bergil foram desbravadas para aumentar o perímetro da capital. Os tiros de guerra era mais perigosa do que antes. Ser chamado de “Quinta coluna” ou seja, de traidor da pátria, podia acabar com a reutação e a vida de qualquer um. (TENÓRIO, 2017, p.111)

---

<sup>27</sup> Essas ações não ficaram restritas à Maceió ou à Alagoas. Elas foram estendidas à praticamente todas as regiões do país, com maior ou menor efetividade. Em um blackout realizado em Copacabana dois alemães foram presos por deixarem sua janela iluminada

Segundo Roberto Vilanova, o primeiro contingente da FEB com 5 mil homens chegou a Itália em julho de 1944, onde, naquele pilotão, estavam apenas um pouco mais de 20 mil soldados de um total de 50 alagoanos, que, até aquele momento, não tinham participado diretamente dos combates, mas a maioria dos parcinhas alagoanos da época ficou guarnecendo o litoral do Estado de Alagoas como podemos ver na foto abaixo quando soldados alagoanos guarneciam o litoral sul de Alagoas, no Pontal do Coruripe, enquanto outros soldados foram enviados para a ilha de Fernando de Noronha guarnecê-la, mas que não teria ido lutar na Itália.

**Figura 14 - Soldados alagoanos no Pontal do Coruripe.**



Fonte: Tenório (2017, p.111)

Um aspecto altamente impotante tem quer dito e realçado, que foi o chamado “batismo de fogo” que as tropas brasileiras foram submetidas além do frio intenso não tão longe dos Alpes, transitar num terreno desconhecido bastante acidentado cheio de desfiladeiras e encharcado nos montes alpinos segundo nos foi relatado por um dos sobreviventes daquele conflito bélico contada pelo pai do famoso médico alagoano Júlio Bandeira – sindicalista honrado e corajoso na defesa da classe médica, nas Alagoas – que dizia que “aqueles eram inimigos naturais, mas o pior para a tropa brasileira é que o “batismo de fogo” de verdade era enfrentar muitas vezes a arrogância ou soberba de uma parcela dos oficiais norte-americanos”. Assim contava o pai médico Júlio Bandeira, o sobrevivente daquele conflito bélico. Júlio Gomes, que nos conta que “a sua experiência” no “front”, era comparado a uma excursão ao inferno.

O que mais me marcou foram os gritos dos campaneiros feridos. A maioria gritava pela mãe e pedia que não deixasse que morresse ali ... Mas só quando a gente chegou a Itália é que descobrimos que ninguém estava preparado para nada. Todo o treinamento que nós recebemos e até os armamentos não serviam para nada. (Vilanova, 2011 p.A-19).

Aquele elemento que havíamos falado antes do “batismo de fogo” teria se dado “pela teimosia do comandante da tropa americana a que a FEB estava subordinada, que não ouviu as ponderações do comandante brasileiro Mascarenhas de Moraes, que criticou o plano para a tomada do Monte Castelo, onde o exército norte-americano já havia tentado duas (02) vezes, uma vez com a divisão de soldados brancos e outra por soldados da nonagésima segunda divisão que era formada por soldados negros e não conseguiram também”.

E daí ele prossegue dizendo que, “quando a gente – os brasileiros – chegaram, eles deram ordem para um novo ataque e o General brasileiro Mascarenhas de Moraes sugere que ele se realizasse em duas frentes porque havia muitos alemães entocados em cascatas que circundavam todo o morro, mas os nortes-americanos insistiam em continuar naquele mesmo plano”, relatou Júlio Gomes.

Depois de outas tentativas infrutíferas (sem sucesso) de dominar o Monte Castelo com enorme perda de vidas tanto de norte-americanos quanto de brasileiros e que depois eles reviram os seus planos de ataque e colocaram em prática ao que se pressupões as ideias de Mascarenhas de Moraes, depois é claro de passar pela supervisão dos generais norte-americanos, é claro. Aonde um general de um país do terceiro mundo iria ter uma ideia melhor do que a deles os considerados “Todos poderosos” norte-americanos, pura idiotice, isto.

Os norte-americanos sabiam que, apesar de maior parte do conflito bélico estar se realizando no continente europeu, norte da África e depois no oceano pacífico, o domínio do Atlântico sul, Índico e o próprio oceano pacífico, era crucial ou determinante para o sucesso ou fracasso da guerra a favor dos aliados do desembarque das tropas aliadas na Normandia no chamado dia “D” decisivo de receter-se os destinos da II Guerra Mundial e do problema do apoio de abastecimento de víveres, de tropas e outras condições que eram decisivos para reverter-se a favor dos aliados os destinos daquele conflito bélico e a navegação e o abastecimento eram decisivos para tudo isso acontecer a favor das tropas aliadas, onde o nordeste brasileiro era uma região vital para os norte-americanos e já tinham eles montado bases no Vergel do Lago, uma outra base aérea onde os hidroaviões desciam e “aconcoravam” e uma segunda base em Jaraguá, que acabou sendo construída no Tabuleiro dos Martins na região do atual Aeroclube de Alagoas, por traz da garagem da Polícia Rodoviária Federal, na atualidade.

Uma pracinha da FEB que sobreviveu da II guerra nos revela em depoimento ao jornalista Roberto Vlanova que:

Recordo também da movimentação intensa de aviões que arremessavam na Lagoa Mundaú onde Maceió não possuía aeroporto, carregando-se suprimentos para as tropas aliadas que combatiam na África e além da capital alagoana, Recife e Natal também serviam de bases para o exército dos Estados Unidos, o que sem duvias atraiu os alemães para o litoral nordestino que entre eles o Cabo Vianova “amigo irmão” de Júlio Gomes que lhe deixou muito triste. A tropa teve que recuar e só assim o comando do exército dos Estados Unidos acatou a sugestão do comandante brasileiro e na segunda tentativa e com o apoio de uma divisão americana a FEB conseguiu conquistar Monte Castelo... Eu nunca vi na minha vida uma situação daquela, era o inferno. A gente tentando subir de cima para baixo, fazia muito frio e o terreno era lamacento, a gente mal conseguia caminhar. (VILANOVA, 2017, p. A-19)

A teimosia daquele comandante norte-americano ocasionou a morte de cerca de mais de 400 brasileiros, que, só depois na sua segunda vez e com o apoio da FEB por terra e apoio aéreo, é que eles conseguiram dominar o Monte Castelo com bravura e muita dor do contingente alagoano com a morte do Cabo Vlanova e vários outros valorosos alagoanos e que se conseguiu ultrapassar os limites humanos.

E, assim, terminamos a nossa temática de “falar” ou descrever um pouco a história de pessoas simples, honestas e trabalhadoras que atravessaram o Atlântico para defender uma ideia, ideologia, princípios, valores que, naquele momento da história da humanidade, estavam em jogo, em dúvida se permaneciam ou não era um embate em que várias outras coisas estavam também em jogo como a liberdade, a democracia e até a própria humanidade.

### 3. CONCLUSÃO

O que podemos concluir a respeito do maior conflito bélico que a humanidade já se envolveu até o tempo presente – apesar de em outros momentos históricos posteriores a isso, termos estado na eminência de uma III Guerra Mundial, quando ocorreu a instalação dos mísseis soviéticos na Ilha de Cuba – quando centenas e milhares de pessoas perderam a vida naquele conflito, praticamente grande parte da Europa estava semi-destruída não só economicamente, mas também moralmente, fisicamente e mentalmente, afinal de contas, a II Guerra deixou graves sequelas em todo o mundo. A II Guerra Mundial envolveu pessoas de alta capacidade de criação, seja na área da metalúrgica, tecnológica, agrícola, medicinal entre outras áreas. Por pior que tenha sido o desastre, chega a ser muito contraditório que o mundo em outras áreas se renovou e carregamos até hoje a exemplo dos meios de comunicações, que foram transformados durante a II Guerra Mundial, avanços esses que eram exclusivos para os governos da época disponibilizando a população, mas apesar desses “certos avanços”, não cobrem e nunca cobrirá o verdadeiro sentido da guerra, que era apenas de ter mais poder diante do mundo através de milhões de mortes por conta de ideologias totalitárias, onde, na mesma época que o Brasil estava lutando em territórios europeus contra essas ideologias, o Brasil estava vivendo um totalitarismo, com Getúlio Vargas no poder. O totalitarismo já está provado através da história que nunca dará certo.

## REFERÊNCIAS

**A defesa de Alagoas na 2ª Guerra Mundial.** Disponível em <<https://www.historiadealagoas.com.br/a-defesa-de-alagoas-na-2a-guerra-mundial.html>>, Acesso em 30.8.2021.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. "**Base de Pearl Harbor nos Estados Unidos sendo atacada pelos japoneses (1941).**" Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/ataque-pearl-harbor-patriotismo-exacerbado-costuma-levar-coisas-inaceitaveis.phtml>> Acesso em 09 de fev. de 2022.

BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental.** 2ª ed. Tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1970, v.2.

CESAD. "**Colônias na África em 1914**". Disponível em: <[https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09231602122015Historia\\_Contemporanea\\_I\\_Aula\\_10.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09231602122015Historia_Contemporanea_I_Aula_10.pdf)> Acesso em 09 de fev. de 2022.

COTTER, Cornelius P. "Fascismo". In: SILVA, Benedicto (coord.). **Dicionário de Ciências Sociais.** 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

DW. "**Apesar da ordem contrária de Hitler, general Friedrich Paulus se entrega aos russos em 31 de janeiro de 1943.**" Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/stalingrado-onde-hitler-come%C3%A7ou-a-perder-a-guerra/a-42358103>> Acesso em 09 de fev. de 2022.

EL PAÍS. "**Trem e assinatura do armistício (Nas pasta do General Foch está o original) em 11 de novembro de 1918 no vagão 2.419D.**" Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/14/cultura/1405354673\\_966040.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/14/cultura/1405354673_966040.html)> Acesso em 09 de fev. de 2022.

FERRAZ, Francisco César Alves. "**A guerra em tempo de paz**". *Nossa História*, São Paulo 2915):31-35, jan.2005.

FONTES, Gigliete Pereira. **Maceió na guerra: política, cotidiano e a força expedicionária brasileira na capital alagoana (1940-1945).** Delmiro Gouveia: mimeografado, 2019.

GUIA DO ESTUDANTE - **Membros do Exército Russo carregam bandeiras com dizeres republicanos no dia 14 de outubro de 1917.** Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/100-anos-da-revolucao-russa-relembre-e-veja-fotos-do-conflito/>> Acesso em: 08 de fev. de 2022.

HOBBSAWM, Eric. **“A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991.** 2º ed. Companhia das letras, S. Paulo. 1994.

IHOW. **“Vista externa da Linha Maginot mostra uma casamata tripla com armas de 75 mm.”** Disponível em: <<https://ihow.pro/pt/p/por-que-a-linha-massive-maginot-nao-consegiu-parar-hitler/OaPyaXj7KAczhGc-y9jRoQ>> Acesso em 09 de fev. de 2022.

KINDER, Hermann & HILGEMANN, Werner. **Atlas histórico mundial: de la Revolución Francesa a nuestros días.** 10ª ed. Tradução de Antón Dieterich Arenas. Madrid: Istmo, 1982.

LAMOUNIER, Bolivar. **“Os grandes líderes: Getúlio”.** S. Paulo; ed. nova cultural, 1988.

LIMA JÚNIOR, Raul da Cruz. **Quebra-canela: a engenharia brasileira na Campanha da Itália.** Rio de Janeiro: biblioteca do Exército, 1981.

LIMA, Victor H. M. de. **O dia “D”(ecisivo) na história da Segunda Guerra Mundial.** Ufal. Curso de História. Maceió, 2011.

LUCCHESI, Cláudio. **“O Brasil na Batalha do Atlântico”.** *Asas*, São Paulo 5(25):42-55, jun/jul.2005.

MACINTYRE, Donald. **“A Batalha do Atlântico”.** In: ROBERTS, J.M. (coord.). *História do século 20 -1934/1942.* São Paulo: Abril Cultural, s.d.

MACINTYRE, Donald. **“Vitória no Atlântico”.** In: ROBERTS, J.M. (coord.). *História do século 20 -1942/1956.* São Paulo: Abril Cultural, s.d.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **“A tarefa rotineira de matar”.** *Nossa História*, São Paulo 2(15):26-29, jan.2005.

MONTGOMERY, Bernard Law. **Memórias do marechal Montgomery.** Tradução de Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOURA, Aureliano. “**A luta antes da guerra**”. *Nossa História*, São Paulo 2(15):16-20, jan.2005.

MOUTINHO, Augusto César Machado. “**O medo veio do mar**”. *Nossa História*, São Paulo 1(11):38-43, set.2004.

NEVES, Luís Felipe da Silva. “**E a cobra fumou!**”. *Nossa História*, São Paulo 2(15):22-25, jan.2005.

NICOLAU, Frederico. “**Memórias do Atlântico Sul**”. *Asas*, São Paulo3(17):66-73, fev-mar.2004.

NOSSO Século – *1930/1945*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, v.3.

NOVA RESISTÊNCIA. **Revolução Húngara**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/10/24/a-revolucao-hungara-de-56-como-simbolo/>> Acesso em 08 de fev. de 2022.

ONÇA, Fabiano. “**Os heróis africanos que foram esquecidos após lutarem na Segunda Guerra**”. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/os-africanos-que-lutaram-ao-lado-do-exercito-britanico-na-segunda-guerra.html>>, acesso em 28.8.2021.

PEDRO, Antonio. “**A segunda guerra mundial**”. S. Paulo; ed. Atual/Unicamp, 1986.

PILETTI, Nelso. **História e vida: Idade moderna e atualidade**. 9ª edição. Vol. 4. Ed. Ática. São Paulo. 1995

R7. **Foto rara de russos antes de 1917**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/fotos/veja-imagens-ineditas-da-russia-antes-da-revolucao-comunista-de-191706082017#/foto/6>> Acesso em 08 de Fev. de 2022.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

TAKEUCHI, Márcia Yumi. **O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito**. São Paulo: Humanitas, 2008.

TENÓRIO, Douglas A. **Horrores da guerra: O afundamento de navios**. In: Alagoas 200 anos. Leonardo Simões (Coord. geral); Doulgas Apratto Tenório; Cícero Paredes de Carvalho; Carmen Lxxxxxxxúcia Dantas. Maceió, 2017.

VILANOVA, Roberto. **66º Aniversário: Alagoanos relembram o fim da II Guerra**. In: "O Jornal". Maceió, 8 de maio de 2011, p.A-19.

WALTERS, Vernon Anthony. **Missões silenciosas**. Tradução de Heitor A. Herrera. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

YOUNG, Peter. **A Segunda Guerra Mundial**. Tradução de Rodolfo Eduardo Krestan. São Paulo: Melhoramentos & Círculo do Livro, s.d. 1986.